

Toulon, 4 de Fevereiro, 1867.

Minha Querida Maman do meu Coração

Aqui estamos desde hontem, Domingo, que aqui chegámos ás 8 horas da manhã. Achámos o thio Pedro muito doente, muito fraco e nenhuma esperança ha de o salvar. Quantos dias poderá viver tambem ninguem sabe. Andamos vendo se é possivel fazel-o confessar e preparal-o bem a deixar esta terra, que todos teem de deixar mais tarde ou mais cedo. Creio que o doente não desgostou da nossa chegada, mas não posso dizer qual a impressão que experimentou. O medico, parece muito bom, muito entendido, e sendo uma das primeiras pessoas n'esta terra, basta dizer que é Medico em Chefe, Lente, etc. é o homem o mais affavel que ha. Quando ando cá por fóra, vejo isto e me lembro da prosapia das nossas bestas, cahe-me a alma aos pés. Tivemos uma viagem bôa, mas viagem cansada e viagem que nem todos aguentarião. Dos três paizes o mais infame para n'elle se viajar, já pela má criação dos viajantes, já pelo máo cheiro, já pela má comida, já pela falta de commodidades é a Hespanha. A estada em Madrid foi uma serie de obsequios dos Hortegas, que demoraram uma caçada por causa da recepção das partes que lhes annunciaram a nossa chegada. Para mais incommodo chegaram a ir dois dias a fio á estação do Caminho de ferro, esperar-nos! Em nenhuma parte sentimos muito frio e chuva apenas a tivemos em Bordeos. Espero que tenha continuado a passar melhor e tomára sabel-a bôa. Espero que todos estejam bons. O meu incommodo febril desapareceo com a viagem e agora estou completamente bom. Espero que não se tenha esquecido da fallar ao Placido e que os negocios do João não experimenttem transtorno com a minha ausencia. Tambem desejo que agradeção ao Fontes a licença, que me deo, e que mandem recados meus ao Cyrillo Machado, com desculpas de eu não me ter ido despedir d'elle. Peço que não se esqueção d'estas duas cousas para o Cyrillo Machado. Peço tambem ao Antonio que, se o fôr procurar o meu Companheiro Drack, o receba bem. Peço ao Papa que lembre ao cirurgião Silva o negocio dos pós de Jarnes. No caso de ser annullado o concurso no Instituto Agricola peço que exijão os meus papeis, que estão no Ministerio das Obras Publicas. Não sei se appareceo o meu artigo na Gazeta. Peço que me guardem á parte o numero e que, se alguem fizer alguma critica, o Antonio declare que eu não

respondo agora por estar ausente, mas responderei logo que voltar. A questão que acabo de tratar n'esse artigo é a questão hoje de vida ou morte, haja em vista o livro do Arcebispo d'Orleans sobre o Atheismo. Agora não posso ser mais extenso. Espero que todos estejam bons e que a Sr.<sup>a</sup> Marquesa esteja restabelecida. Sahi d'ahi com muita cousa entre as mãos, mas espero que não haja novidade. Sou obrigado a acabar esta e faço-o pedindo muitos recados para o Papa, Antonio, Theresa, Sr.<sup>a</sup> Condessa D. Maria, Tixi, thio Nuno, Antonio Criado e para todos e pedindo-lhe que me acredite sempre ser seu

Filho muito Amigo do Coração e obediente

*Jozé.*

Muitos recados da thia Marianna. Ella está aqui sentada agora ao pé de mim. São 4 horas da tarde. Mande dizer ao Visconde que ella está bôa. Adeos.

Toulon, 4 de Fevereiro, 1867

Só para minha Mãe

Minha Querida Maman do meu Coração

Chegámos aqui, hontem, Domingo, pela volta das 8 horas da manhã. Achámos o thio Pedro vivo, mas em que estado! Tenho visto mortos, tenho visto moribundos, tenho visto homens exhaustos pela febre, pelos soffrimentos, pelas insomnias, mas nunca vi nada assim! Quando o vi fiquei pasmado e apesar de procurar dissimular a minha admiração, creio que não o consegui completamente, porque o doente perguntou já á thia Marianna – Que impressão produzi eu no José? – Se disser que elle está reduzido a um esqueletto animado, não falto á verdade. Tem uma grande chaga no interior da garganta e hontem de manhã, quando tossia, vinhão os escarros com vestigios de sangue, o que felizmente o Dr. pode impedir. Mas o que o Dr. não póde é fazer com que os alimentos sejam assimilados, e d’ahi segue-se que o doente não pode escapar. Hontem tomou só cerveja e agua com uns pingos de limão e algum leite, e adormeceo á noite só por meio de umas pilulas. De noite dormio, mas hoje está ainda mais fraco do que hontem e appareceo-lhe uma ferida no corpo, o que é máo symptoma. Outro máo symptoma, mas já antigo n’elle, segundo me dizem, é ter as unhas todas reviradas. Para saber o estado de magresa, em que elle está, basta dizer-lhe que a coixa da perna cabe, mas á larga, no annel formado unindo o dedo pollegar com o dedo medio. Hontem leo todo o dia. Leo os jornaes, romances e não sei que mais. Hoje parece estar mais amornado, mas não sei se a causa d’isso é physica ou moral. Talvez se admire d’esta minha duvida, mas é que não está cá. Achar-se um homem n’um estado semelhante, a ponto de que o outro dia quiz-se levantar, cahio e ferio os joelhos e voltou de rastos para a cama; vêr-se um homem reduzido a não poder pegar n’um copo d’agua que não pesa e que está ao pé da cabeceira, a estar deitado sempre na mesma posição e a fallar como falla uma pessoa que está a morrer e ao mesmo tempo ouvir da boca d’esse homem poucas palavras, mas essas futeis, ou relativas a cousas mundanas, e vêr que a sua imaginação ainda se deleita com a leitura do Figaro ou d’um romance, é o homem estár illudido, tonto, falto de juizo, ou o que

é? Não sei. É um enigma, mas julgo que é um d'aquelles espectaculos que a Providencia permite vêr só para se ter mais fé em Deos, porque é o espectaculo mais horrivel que ha!!! Estou com os cabellos arripiados. Mas deixemos isso. O doente hoje está mais abatido, e é obrigado a deitar-se sobre um dos lados, por causa da ferida, que appareceo. Quanto tempo durará, não m'ó sabem dizer, mas eu supponho que elle não pode durar mais de dois ou três dias, mesmo porque hoje tem estado muito amadornado. Ainda não se fallou em confissão, mas a thia Marianna foi agora fallar ás irmãs da Caridade, para se preparar tudo e vêr o que é possivel fazer. Tem uma criada que todos dizem tel-o tratado muito bem e que parece bôa creatura, mas uma das manias do doente é estar sempre só. Hoje apenas o vi uma vez. Está aqui a tal figurona, o que complica e muito o caso. Vamos a vêr como tudo isto se resolve. É excusado e inutil combinarem ahi cousa alguma, porque será lettra morta para mim e para a thia Marianna. Estando longe, imaginão tudo; podem imaginar muito bem, podem imaginar muito mal e por isso baste-lhes saber, que apesar de não sabermos o que faremos, havemos de fazer tudo o que nos fôr possivel, advertindo e lembrando desde já e para o futuro que a responsabilidade tem limites. É de esperar que Deos nos ajude, porque sem a sua ajuda é que nada se fará. O sentimento geral que aqui encontrámos por elle é o do dó – dó por se ter deixado chegar a esse estado. Isto é que parece incrível! De uma doença aguda ninguem se pode livrar, mas todos teem obrigação de procurar conservar a saude e a vida, que Deos lhes deo.

Adeos.

Jozé.

Esta carta não quero que a mostre. Por isso escrevo outra. Uma das idéas horriveis que me tem perseguido é que meu irmão venha pouco e pouco a cahir no estado de fraquesa, a que se reduzio o thio. É preciso vigiarem-no bem. Adeos. Peçamos a Deos ajuda e socorro.

Toulon, 8 de Fevereiro, 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

Supponho que deve desejar ter noticias, e por isso torno a escrever hoje. O doente continua muito mal e enganei-me, quando disse que poderia durar dois ou três dias. Quem vê, julga que está a morrer, mas o facto é que tem resistido, apesar da magresa, em que se acha e apesar de não ter já o pulmão direito. Conserva o uso das suas faculdades intellectuaes, mas está fraquissimo. Diz o Dr. – *Il vit de sa propre substance*. Não gosta de ter gente ao pé de si, de modo que pouca companhia se lhe faz. Ao pé do quarto, onde elle está, ha um outro quarto, e n'este está sempre a criada, que é magnifica. Em quanto a confissão nada se tem conseguido. Temos deitado algumas lôbas, o Dr. tambem e temos um padre prevenido, um padre, que conhece muito o Padre de casa do Conde de Farrobo Joaquim. Não faz frio. Está bom tempo, mas tem feito um vento horrivel. É vento, chamado mistral e que sopra do Noroeste. Para aproveitar o tempo e a occasião fui visitar o Arsenal. Vi diferentes officinas. Vi a cordoaria, vi a salla d'armas, vi uma fragata de guerra, La Couronne e vi o bazar no bagne. A minha vontade era visitar o interior d'este, mas não é permittido. Pedi a licença ás 10 ½ horas da manhã no Estado Maior da Marinha e começou a visita á 1 ½ da tarde. Acabou ás 4 horas da tarde. Fui com nove viajantes (franceses), acompanhados por um guia, que tem proibição de aceitar cousa alguma. Vimos os condemnados a trabalhos forçados, trabalhando. Trazem calça amarella, abotoada pela parte de fora, camisola encarnada e barrete com uma chapa, na qual está o numero do preso. Se o preso está condemnado para toda a vida o barrete é verde, aliás é encarnado. Se o preso está no bagne pela segunda vez tem mangas amarellas. Trazem correntes na perna direita e andão quasi todos dois a dois. Se se conduzem bem andão um a um e os que estão no basar, trazem a corrente por debaixo da calça e estão com o cabello crescido, penteados e lavados. Quem vê um vê todos, pois apresentam uma cara escura, magra, queimada e parecem verdadeiras feras. Isto em geral. No tal basar encontrão-se á venda verdadeiros objectos de arte, feitos pelos presos, que com isso ganhão alguma cousa, mas muito pouco. Comprei alguns objectos, para levar ahi para Lisbôa, como lembrança. Antigamente havia

muitos presos; agora ha menos. Mandão-nos para a Cayenna e isto aqui deve ser bem depressa um simples deposito de passagem para os presos. Há aqui n'esta terra muita tropa de linha e eu e a thia Marianna temos rido das figuras exóticas, que apresentão quasi todos os officiaes francezes. Não ha nada mais ridiculo. Os soldados não. Esses são airosos e elegantes. Marinheiros não faltão e á noite fazem immensa bulha nas ruas. Andão todos os dias em terra 400 ou 500 com licença. O Imperador quando vem aqui, não fica em terra. Fica a bordo do Aigle, que aqui se acha e que parece ser um lindo barco. Não deixão entrar n'elle. Uma historia. A ultima vez que o Imperador veio aqui reunio-se a força toda para elle distribuir medalhas. Quando acabava de dár a medalha a um official, chegou-se outro ao pé d'elle, de cabeça perdida e gritando disse-lhe que acabava de dár uma medalha a quem não a merecia. O imperador, impassivel, virou a cabeça e disse-lhe: "*Pourquoi vous mettez-vous de ce qui ne vous regarde pas*". No mesmo instante dois esbirros paisanos, vindo não se sabe d'onde, apoderaram-se do homem, levaram-n'o e até hoje nada se sabe d'elle. Apenas se sabe que vive. Que tal! Aqui pouco ou nada mais ha que vêr. Ha um hospital de S. Mandré, para os militares e maritimos, que fica em frente de Toulon, a duas leguas, e onde conto ir, porque o Dr. é Director d'esse estabelecimento. O hotel onde estamos é bom. Paguei hoje a minha conta e sahe-me á rasão de 11 francos por dia. Tenho um quarto, menos máo, no 1.º andar, ao pé do quarto da thia Marianna. De manhã dão-me uma grande porção de leite, com assucar, que tomo na cama, depois das 8 horas. Almoçamos das 11 para as 12 horas do dia e jantamos ás 7 horas da noite. O almoço é comparativamente melhor do que o jantar. Hoje temos comida de peixe. Recebi a sua carta de 30. Espero que as melhoras continuem e que todos os mais de casa estejão bons. Por uma carta do Sr. Visconde para a Mãe, soube que appareceo o tal artigo, na Gazeta. Eu nada sei de novo. Tenho um bilhete de admissão n'um Club, mas tenho-me entretido a lêr uns artigos de umas revistas, em lugar de lêr os jornaes, periodicos. O ar aqui é magnifico e come-se como nunca imaginei comer. O hotel está cheio, mas em geral são aves de arribação. Não comemos á table d'hôte. Comemos n'um quarto reservado, para o que se costuma pagar mais, mas a nós nada nos levam com attenção a sermos hospedes permanentes. Peço muitos recados para todos. Ainda me parece incrivel que esteja aqui. Vejo que a licença foi por um mez. Peço que não se esqueça das ovelhas. Seria bom mandal-as para a quinta, porque ahi morrem

necessariamente. Espero que a Sr.<sup>a</sup> Marquesa esteja melhor. Remetto incluso um bilhete para o Antonio criado. É para elle lêr e mandar-me a resposta. Acabo, pedindo muitos recados para todos. Aceite-os da thia Marianna. Abraço o Papa e meus irmãos.

Filho muito Amigo do Coração

**Jozé.**

Toulon, 10 de Fevereiro, 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

Recebi hoje a sua carta do dia 4 e hontem a do dia 3, uma outra da Theresa que muito agradeço. Fico sabendo que está melhor, mas não bôa e por isso vou ralhar. É preciso ter mão n'essa imaginação, que trabalha sempre, porque não se ganha coisa alguma com isso e além disso é preciso não se estafar com as taes contas da associação. Ninguem ahi em casa se atreve a dizer-lhe a verdade. Tem todos medo e por isso fallo eu e digo – é doudice dár cabo de si e mais que tudo é mal feito, por muitos e muitos motivos, que é excusado repetir, porque os conhece. Sobre isto nada mais digo. O doente continua muito mal, mas tem resistido, mais do que todos suppunhão. Já lhe dei os recados de todos ahi de casa, ao que elle se mostrou muito grato. A voz está fraquissima. Hontem á noite tornou a ter alguma soltura, mas felizmente passou. Todos os dias está mais fraco e apenas pode pegar no lenço, que tem debaixo da almofada, para se assoar e limpar. Hoje esteve um pouco de tempo em cima de um canapé, para se limpar a cama, mas ficou por terra com esse pequeno movimento. Elle conhece o estado de fraquesa, em que se acha, mas parece ignorar ou procurar occultar que sabe que está em perigo immediato. O que a thia Marianna e eu aqui temos passado de angustia e tormentos só Deos o sabe e ninguem pode imaginar, mas não fallo n'isto para me queixar, pois sabe que apesar de dizerem ahi em casa que eu sou egoista, não o sou e estou sempre prompto para tudo. Pela sua carta de 4 vejo que tinha adivinhado a verdadeira causa da recommendação, que me mandou para Madrid de não largar a thia Marianna, mas a este respeito direi que as recommendações que alguém me fez no Caminho de ferro, são d'essas que entrão por um ouvido e sahem pelo outro e que em nada alterão a minha determinação, pois não sou criança para obedecer ou fazer tudo, quanto me dizem. A thia Marianna tem passado menos mal, apesar de tudo isto que temos diante dos olhos e da viagem, que foi bastante cansada. O Hortega obsequiou-nos quanto lhe foi possivel e esqueci-me dizer que eu fui no carrinho do Duque d'Alba para a estação do Caminho de ferro, quando vim para Bordeos. Fico sabendo pela carta da Theresa que a Senhora Marquesa tem estado muito mal. Forte teima da Sr.<sup>a</sup> de não se querer tratar. Vejo que

o thio Azinhaga não tem apparecido. Talvez isso seja devido á nova vida mundana, pois consta-me que já fez a sua apparição e acompanhado no baile da Penafiel. Sei que o Soveral ainda ahi está em Lisboa e que o Papa jantou com elle, com o Joaquim Maria e com o Visconde n'um Hotel. Parece que o Ministerio está um pouco tremido e que ha alguns dissidentes. Fico descansado a respeito dos negocios do João, mas preciso saber quem fica fazendo as vezes do Placido, durante a sua ausencia. Nós temos aqui tido noticias da Theresa Ponte, mas eu ainda não lhe escrevi. Tem estado um tempo magnifico. Hontem dei um grande passeio a pé, com um official de marinha reformado, amigo do thio Pedro. Fomos vêr um dos arrabaldes, que aqui são bonitos. Está tudo perfeitamente bem cultivado e de Marselha até Toulon não imagina como os Olivaes estão bem tratados. Muito me lembra a sua quinta de Valle de Ventos e mais persuadido estou que ahi em Portugal não sabem cultivar as Oliveiras. Uma das cousas boas, que aqui ha em Toulon, são as fortificações, que custaram muito dinheiro e estão muito bem arranjadas; mas em toda a parte se fazem asneiras, pois toda essa despesa foi mal feita, porque a Cidade está dominada por uma serie de montes e tomados estes a Cidade não pode resisitir e as fortificações de nada valem. Nos navios que estão ancorados dentro do arsenal, não é permittido fazer lume, para evitar incendio e para fazer a comida ha nos caes, de distancia em distancia umas grandes abobadas, onde se faz lume e cosinha. Succedeo n'uma d'ellas um caso horrivel, ha poucos dias. Estava o cosinheiro fazendo a sopa. Chegou um marinheiro e pedio sopa. O cosinheiro disse que não a dava, porque ainda não era a hora. O marinheiro zangou-se, pegou no cosinheiro e quiz mettel-o dentro de um dos caldeirões e no fim cahirão ambos dentro. O cosinheiro morreo logo. O marinheiro foi pescado, mas morreo no dia seguinte no meio de dôres horriveis, pois estava pellado! Que horror! Por estas e outras não admira que haja o maior rigor e a maior disciplina. Hoje toca a musica n'um dos largos, mas não sei se irei ouvil-a. São 3 ½ horas da tarde e quero escrever. Vai esta com uma letra muito miudinha para ir mais extensa. Não percebo bem que difficuldade pode ter tido o Ministro em me dar uma licença a mim, que nunca pedi tal cousa vai em tres annos. Se é com medo que digão que a casa da Moeda está abandonada, a consciencia deve-lhe dizer que o está vai já em muito tempo e elle deve saber que para os abusos que lá ha, a minha presença ou a minha ausencia é cousa indifferente. Ia queimando a carta, mas não tenho tempo para fazer outra. Peço

desculpa de não escrever hoje á Theresa, mas espero fazel-o amanhã. Faz hoje 15 dias, quem diria que eu havia de estar aqui em Toulon. Veem as cousas, quando menos se esperão, mas é melhor não fallarmos n'isso, porque me posso enternecer e fica o caldo entornado e nada remediado. Se ahi fôr alguma carta para mim de alguma das Companhias peço que a abra, leia, e decida como lhe parecer se fôr negocio urgente. Imagino bem que o Antonio esteja zangado com a partida do Dionisio, mas era de esperar isso, porque era demonto incompativel com o cocheiro, que espero esteja melhor. O Luiz Candido tem apparecido? E o thio Nuno? Peço muitos recados para todos, não esquecendo a thia Lourença. Peço que mande noticias minhas ao Padre Brito e desculpas de não me ter despedido d'elle. Como vão os enthusiasmos theatraes do Antonio? Tambem peço que faça arejar o meu quarto, pois sei que ahi a mania é terem tudo fechado. Remetto uma carta para o Antonio creado e sou obrigado a acabar esta, o que faço pedindo muitos recados para todos e que me acredite seu

Filho Muito Amigo do Coração

Jozé.

Recados da thia Marianna e do thio Pedro. Adeos. 4 ½ horas da tarde. Torno a escrever para dizer que o doente está muito fraco. Adeos.

(Para D.<sup>a</sup> Teresa de Saldanha)

Toulon, 11 de Fevereiro, 1867

Minha Querida Mana do meu Coração

Disse hontem que te escrevia hoje e não quero deixar de o fazer. Interrompi esta, porque chegou o Medico, que está agora no quarto do thio Pedro. Este passou muito mal a noite e tem estado muito abatido. Quiz tomar chá hontem á noite e não sei se foi isso que o agitou. Hoje teve um escarro com sangue, mas a verdade é que elle está em tal ponto, que já nem tem que escarrar. Vamos a vêr se se resolve hoje a historia da confissão. Elle hoje já disse á criada que lhe parecia que morre. Coitado. Faz o maior dó e muito mais, porque com o seu genio, não ha meio de empregar com elle certo carinho, que não dá vida, mas que deve suavisar a passagem d'esta para outra vida. A thia Marianna teve hoje uma carta da Maria Rita e por ella soube que a Maman foi dar um passeio ao Lumiar. Hontem escrevi á Maman uma carta, em que lhe pregava um pequeno sabão, mas julguei que assim devia fazel-o, pois é doudice dár cabo de si. A mania de estarem ou na Annunciada ou em Oeiras e as taes associações são um tormento, porque ajudão a matar cada um dos nossos parentes e irmãos, cada um por seu modo. Podem dizer que é mania minha antiga, mas cada vez me persuado mais que tenho razão e infelizmente os factos teem-me provado que não me engano. Fui hoje vêr o Museu de pintura, de Toulon, que nada tem de extraordinario. Tem alguns paineis dados pelo Imperador, todos os annos dá um, e tem algumas copias de paineis, que eu conheço do Louvre, em Pariz. Em casa do Duque d'Alba, em Madrid, é que eu vi dois paineis de Raphael, que são umas verdadeiras bellas. Um é o retrato do proprio Raphael, mas não esses de que ha gravuras; o outro é uma familia sancta. Hontem foi Domingo. Devia ter ido ouvir tocar musica, no Champ de Bataille, mas não fui. Nada sei de novo. Tenho visto por aqui algumas irmãs da Caridade, e mulheres de outras ordens. Tenho ido ouvir Missa a uma Igreja, chamada de São Luiz, a qual nada tem de extraordinario e tenho notado que os meninos de coro estão sempre muito distrahdos. Continúa um tempo lindo. De manhã estava o tempo ennovoado, mas depois aclarou. O Hotel em que estâmos é bom. Não

ha criados. Ha apenas a do thio Pedro, que é da Alsace, e que é bôa mulher. Não faz senão fallar nas suas irmãs, e tem servido o thio Pedro perfeitamente. Ás noites tenho ficado sempre em casa e não tenho ido a parte alguma. Estou um dorminhoco indecente e como como um esfomeado. Torno a interromper esta porque o Medico acaba de entrar no quarto da thia Marianna. O Dr. continua a achar o thio Pedro muito mal e acaba de lh'ó dizer. Já se lhe fallou em confissão e vamos a vêr se se resolve isso esta tarde. Tudo isto é melhor não repetir, porque não ha necessidade e ahi em Lisbôa ha muita má lingua e curiosidade, o que não admira n'uma terra onde abundão os ociosos e onde a principal conversa é a vida alheia. Espero que a Sr.<sup>a</sup> Marquesa esteja um pouco melhor. Hoje não tive cartas ahi de casa, o que não me admira porque é o costume e eu tambem pouco ou nada tenho escripto. Acho-me, não sei como, com uma letra muito miudinha, mas espero que a entendão. No primeiro dia da chegada aqui estava com a mão tremula, que não podia escrever. A viagem, como nós a fizemos, é muito cansada, e principalmente o atravessar a Hespanha é cousa horrivel. Ninguem imagina o enjôo que ahi causa, nas carruagens do Caminho de ferro e nas fondas o cheiro do tabaco podre. Nada se lhe pode comparar e attribuo a isso o ter-me sentido incommodado até Bordeos. Em Madrid dizem que ha muita vida, mas eu cahi em máo dia para vêr isso, porque no dia em que lá acordei houve a morte d'uma mulher por meio do garrote e forão assistir a esse spectaculo perto de 400 mil pessoas. Disseram-me que a mulher era uma bellesa. Em Madrid vi em muita parte vestigios da ultima revolução e, mesmo para quem se demora pouco tempo, é claro que está ali tudo forçado e que o governo é imposto, em Madrid, pelo menos, por meio da força. Vou acabar esta, que vai um pouco curta e faço-o pedindo que abraçes por mim, meu Pai, minha Mãe, meus irmãos, que dês muitos recados a todos e que me acredites teu

Irmão muito Amigo do Coração

Jozé.

Manda dizer para os Mariannos que a thia está bôa. Adeos.

3 horas da tarde. Muitos recados a todos, não esquecendo o Amigo Serpa.

Toulon, 12 de Fevereiro, 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

São 4 horas da tarde. Temos tido um dia cheio de tormentos, mas felizmente o doente está confessado. Comungou e está unguido e assim está preenchido o fim principal da nossa vinda. Levou isto alguns dias, mas ganhou-se o ser tudo feito por livre e espontanea vontade d'elle. Vai em perto de 48 horas que não dorme, mas em geral tem estado socegado. Tem tido umas crises e hoje já teve uma muito forte. Hontem á noite julgámos que morria e tivemos uma grande afflicção. Está perfeitamente em si, conhece todos e sabe que vai morrer. Até tem fallado n'isso. Pedio-nos a nós tres perdão e desculpa de tudo. Coitado! Tem tido hoje umas evacuações muito fortes de sangue e isso tambem o deve enfraquecer. Os que o veem admirão como é possivel chegar-se a estado tal. Ainda agora dizia o Padre que é um verdadeiro esqueletto. A thia Marianna está afflictissima, como é natural. Não escreve e por isso peço que mande noticias d'ella ao Sr. Visconde. Quanto tempo durará isto assim não sei. Faz o maior dó, coitado. Morre d'aquillo que nunca suppoz morrer, pois morre *poitrineire*. Acabo esta. Quando a receber não sei que noticias terá já recebido pelo telegrapho. Peço muitos recados para todos e sou do Coração

Filho muito Amigo

Jozé.

Abraço o Papa e os meus Irmãos. Adeos.

Para Minha Mãe, só

Toulon, 13 de Fevereiro, 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

Escrevi-lhe hontem dizendo que o thio Pedro estava muito mal e hoje escrevo-lhe dizendo que falleceo hontem ás 8 horas da noite. Felizmente morreo muito bem preparado e preencheo-se o fim da nossa vinda. Hontem ás 7 horas da noite fui eu jantar. Deixei a thia Marianna no quarto do thio. Jantei e quando voltei para cima entrei n'um quarto ao pé do doente, a thia Marianna chamou-me, ajoelhámos aos pés da cama, eu deitei água benta, resámos e no meio das resas morreo o doente. Não teve grandes afflicções. Beijou o Santo Christo, fez um movimento para enxutar uma mosca, respirou com mais força e morreo. Acabámos de resar o officio e depois veio o medico, a criada e o Padre. Deixou-se ficar o corpo tal, qual até hoje. Eu velei de noite o corpo até ás 6 horas da manhã. A essas horas levantou-se a thia Marianna e eu fui deitar-me até ás 8 horas da manhã. Consegui fazer deitar a thia, o que foi bom, pois tinha passado a outra noite quasi em claro. Hoje veio de manhã o Dr. e injectou-se o corpo com sulfato de zinco. Mandou-se fazer um caixão de chumbo, outro de madeira e amanhã vai o corpo ser depositado, para depois ser transportado para Lisbôa, quando fôr occasião. O thio tinha dito á thia que bastava sepultal-o aqui em Toulon e comprar para isso um terreno por dois annos, mas a dizer a verdade achámos que não devíamos fazer isso e tomámos a decisão, que fica indicada. Hoje não tenho parado, por causa do Consul e de tudo o mais. A thia Marianna não sei como tem podido. A criada tem sido excelente e o medico magnifico. Muito nos tem ajudado assim como o Capitão Duraudant. Não sei quando partiremos para Pariz, mas vou vêr se é possivel partir amanhã á noite. Bem pode suppôr que nada nos pode agradar o estar aqui, onde só ha recordações tristes. Cortei uma grande madeixa de cabelo do thio, para lh'a levar. Esta morte era de esperar, mas bem pode suppôr que nos tem affligido e parece-nos incrível que o thio tenha morrido. Conservou até ao fim o seu genio. Não queria incommodar pessoa alguma e queria tudo no seu lugar. Ainda hontem, de dia, sujou uma das mãos e como a thia lhe deo uma esponja para se limpar, o thio ainda disse –

“Esta esponja estava no copo (era a da cara e não das mãos)”. Eu pouca companhia fiz ao thio. A thia fez-lhe mais companhia, mas o doente queria estar sempre só. Em todo o caso a nossa vinda foi util, pois conseguimos o que se desejava e o doente não morreo abandonado. Soffreo sempre com muita paciencia e apenas uma vez disse que soffria. O estado de magresa é que é cousa incrível. Não era possivel, quando chegámos, transportal-o para parte alguma e se tivesse sido possivel tel-o-hiamos levado para Pariz, mas elle não quiz e suppomos que por não querer abandonar o Medico, em quem tinha a maior confiança. Disse-me a thia Marianna ainda agora que eu estava escrevendo contra vontade, e por isso peço desculpa a confusão com que esta vai escripta. Está ao pé de mim a thia fallando com o Padre, que confessou o thio. Cá e lá más fadas ha. Quizemos hontem á noite ter umas velas de cera e não nos foi possivel arranjar isso. Tivemos umas velas de estearina e depois, como abri a janella para dár ar, acendi uma lamparina, que puz diante de um crucifixo. Recebi hoje a sua carta de 8 de Fevereiro, na qual se queixa de eu não escrever. Nos primeiros dias não o fiz, mas agora estes ultimos dias tenho escripto sempre e apesar de serem noticias muito tristes, espero que a tenham contentado. Interrompi esta, por causa da vinda do Mandataire, com o qual se teve de fallar outra vez, por causa do enterro; pois tinhamos dado umas ordens e modificámos as nossas determinações, pois não havia quem acompanhasse o enterro e então é melhor fazer tudo bem, mas o mais simplesmente possivel. Espero que em Pariz já possa saber que está bôa. Tomára ter certeza d’isso. Peço que calme a sua imaginação e que veja se descansa. Fico sabendo a tal pouca offerta do pavão Fontes, por causa dos taes 40 mil reis, e agradeço a Deos o terem decidido que não se empregasse tal certidão falsa. Teria sido uma vergonha. Não sei com que intenção o Fontes fez isso, quero querer que foi boa, mas devia entender que eu nunca consentiria n’uma porcaria d’essas. Sou moço, teem-me querido comprar muitas vezes, inclusivamente havia quem me desse uma rapariga, soit disant, rien, a troco de eu me garantir 10 libras por mez, não quiz, porque nem mesmo gostava de tal casamento, depois d’isso teem-me proposto outras porcarias, e graças a Deos, apesar de muitos defeitos e pecados, tenho-me conservado sempre limpo de mãos e por isso declaro que me ferveo o sangue com a tal historia do Fontes. Senti-me humilhado, mas não sou par, nem deputado, não tenho pessoa que me dê a mão e por isso é preciso ir soffrendo com paciencia. Tempo virá em que possa fazer a

certos individuos o que já fiz a dois ou três. Quando penso no meu paiz, isto é, na gente que ahi governa e dá a lei, tenho um enjôo de morte e tem-me lembrado por vezes, deitar tudo para traz das costas, e ir procurar vida em outro paiz; mas agora não o posso fazer por tres rasões fortissimas e que agora não direi. Mas deixemos isso. Tive hoje carta da Theresa Ponte. O João está sempre adoentado. Diz-me que a pequena é muito forte. Peço muitos recados para todos. Peço desculpa do modo porque esta vai escripta, mas a verdade é que ando não sei como da cabeça. Não estou doente, pelo contrario, mas sinto-me meio estonteado. Logo que chegue a Pariz mando-lh'o dizer pelo telegrapho. Espero que o Papa esteja bom. Abraço a todos. Recados da thia.

Filho muito Amigo do Coração

*Jozé.*

P.S.

Não se mortifique por causa dos taes reis. Ainda bem que Sua Majestade visitou o estabelecimento não estando eu lá. Adeos. Amanhã espero escrever. Adeos.

Toulon, 14 de Fevereiro, 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

São 2 ½ horas da tarde e escrevo-lhe para dizer que partimos esta noite ás 7 horas e tanto para Pariz. Temos tudo arranjado. Ás 7 ½ horas da manhã foi o enterro. Houve uma missa resada na freguesia e depois fui acompanhar com Mr. Duranteau o corpo até ao deposito no cemiterio. A thia mandou ainda agora uma parte telegraphica ao Visconde, Lisboa, dizendo que contâmos partir hoje. Fica aqui tudo arranjado para se fazer transportar o corpo, quando fôr ocasião propria, depois de obtida a licença em Pariz. Temos tido hoje um dia tormentoso, pelas emoções, pelas voltas, pelas massadas, pelas contas e por tudo. Tomára já vêr-me em Lisbôa e vou a Pariz o mais contra vontade que é possível, mas não se pode deixar de ir lá. Recebi hoje a sua carta de 9 de Fevereiro. Estimo a continuação das suas melhoras e do Papa. Fez bem em guardar a carta para si. Vejo que os pobres não se esquecem de mim. Coitados! Se ás vezes me lembra dinheiro é para satisfazer o desejo de os alliviar e ajudar. Coitados! É bom que o Ricardo Guimarães saiba que canalha domina ahi. As taes prelecções do Corvo são fogo fatuo. Pouco provão e só mostram que os negocios serios não o occupão muito. Pobre juiz! Dizem que o Rei vem dár um espectáculo em Pariz! Mais uma vergonha e motivo para porcarias em Pariz. Estou cansado e por isso não escrevo mais. Peço recados para todos e abraço meu Pai e meus irmãos e sou do Coração

Filho muito Amigo

Jozé.

(De D. Marianna, Viscondessa de Asseca)

Tencionava escrever á Mana Thereza era hoje a sua vez mas aproveito a carta do Joze dar lugar para lhe dizer que mande já para Paris procurações amplas plenos poderes e a Julia que os mande por cauza dos filhos he necessario quanto antes acabar isto tudo e sabe Deos o que vamos por lá ter de fazer Eu não tenho podido deixar de entrar em tudo mas o seu bom filho muito me tem ajudado e o santo medico até o vestio!! Tudo o que diga d'elle he pouco Adeos que estou cançada de corpo e d'espírito e ainda tenho que fazer a mala e até fazer coisas que parece incrivel Fica para a vista Adeos Abraço a do Coração

Sou maior Amiga

***Marianna***

Pela parte que mando ao Antonio saberiam tudo e tratarião das Missas que era o meu desejo. Mande a inclusa aos meus filhos.

Confidencial

Pariz, 2 horas ½ da tarde, 18 de Fevereiro, 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

Desde Toulon que não escrevo e a causa d'isso tem sido a balburdia, em que tenho andado. Sahimos de Toulon no dia 14 á noite. N'esse dia de manhã ás 7 ½ horas foi o enterro do thio. Houve uma Missa resada na Igreja (grande *Paroisse*), houve as absolvições e depois foi o corpo para o cemiterio, para o deposito. Acompanhei-o até lá com o Duranteau. Havia um vento fortissimo e chovia immenso. Voltei para o Hotel e não parei todo o dia para conseguir partir n'esse dia, pois Toulon só tinha recordações tristes para nós. Antes de partirmos, mandei uma parte telegraphica ao Sr. Visconde. Ficou tudo pago em Toulon, medico, botica, etc. Caminhámos toda a a noite, todo o dia e chegámos a Pariz na 6.<sup>a</sup> feira, 15, ás 6 horas e tanto da noite. Quizemos ir para os Bains de Tivoli, mas estão demolidos e por isso lembrei-me que o Conde de Cavalleiros costuma ficar no Hotel d'Espagne e de Hongrie e para aqui trouxe a thia, que ficou tristissima com a primeira impressão, achando tudo escuro e negro. Ella tem um quarto sobre a rua (Taitbout) e eu um sobre um pateo, onde sou obrigado a fazer tudo com luz, mas pago só 3 francos pelo quarto e a comida é boa e barata e a gente do Hotel boa, o quarto da thia custa-lhe 6 francos. Não temos sala e não ha onde receber gente de certa ordem. Voltando atraz, encontrámos na estação a *concierge* do thio Pedro, que tinha ido da parte do Gitton (*Consul*), com quem estivemos n'essa mesma noite aqui no Hotel. No Sabbado, 16, estivemos toda a manhã com o Gitton na casa do thio, a vêr papeis e a procurar testamento, que não se achou até hoje. Todos, á excepção da thia, suppunhão que devia haver testamento e a figurôna julgava que a seu favor, mas até hoje não tem sido possivel descobril-o. De casa do thio fomos a Passy, lá jantámos e ficámos até ás 11 horas da noite. Fomos em Caminho de Ferro e voltámos em Omnibus. A Theresa está melhor; o João soffre sempre; a pequena é espartissima, trigueirinha, mas admiravel para a sua idade. Hontem Domingo, fui a Passy depois de almoço só. Estive muito tempo em casa do

João, para fallar sobre os seus negocios. Acompanhei-os á Missa, o que me fez ouvir duas. Depois fui vêr M<sup>me</sup> Lecesne, com a qual estive muito tempo e depois vim a pé com o João, vêr o quarto que elle alugou na rua Keppler. De lá vim para o Hotel a pé, tambem, dei a roupa á lavadeira e jantei. Findo este fui ao outro lado do rio, deixei um bilhete ou recado ao Carlos d'Almeida, fui ao Hotel Camões onde estive muito tempo com os meus antigos Patrões (o Sr. José Domingues manda muitos recados ao Papa e diz que ainda o espera vêr), perguntei por rapazes meus conhecidos e fui a casa de Mr. de Villeret, onde estive até ás 9 horas. Parece que tem soffrido muito de frunculos nas pernas, mas agora vai melhor. Voltei para este lado do Rio e ás 11 horas da noite metti-me n'uma carruagem e fui buscar a thia Marianna a casa de M<sup>me</sup> O'Sullivan, no boulevard Hausmann. Não entrei lá. Hoje já tenho andado immenso. Esperava ter cartas; não as tive, mas li a que escreveo á thia, com data de 11. Fui com a thia vêr se havia quartos melhores, para ella, e alugámos um andar, a 10 francos por dia, na rua de l'Arcade. Dão roupa e temos dois quartos de cama, uma salla, uma casa de jantar, uma cosinha, etc. Ficamos muito bem. A comida é paga á parte, mas eu se não fosse a vontade da thia ficava onde estou, porque vou gastar mais e acho que ficamos muito longe de tudo (é ao pé da Magdalena), mas a thia diz que precisa descansar uns dias e quer ter uma salla e decente e isso n'um Hotel sahia muito caro. A respeito de Hoteis direi que os Hoteis de Provincia são muito melhores, pois em Pariz n'um bom Hotel é preciso gastar muito dinheiro. Creio que nos mudamos amanhã. Depois de almoço fui á legação, estive como Paiva, pai e filho, com o Lencastre e com o Gitton. Depois fui á Rue St. Georges, pela terceira vez, e depois fui ao La Bouillerie, não para tirar dinheiro, mas para vêr o que havia. Depois vim para casa, tendo largado a carruagem e tendo tido uma estafadeira para achar papel para escrever, pois tinha-se acabado o de Toulon. Corri os *boulevards* e não achei uma só loja de papel. Parece incrível. Pela sua carta para a thia fiquei sabendo que ainda não está boa e fico com cuidado. Tomára vêr-me d'aqui para fóra, pois não vejo a grande necessidade de estarmos aqui, apesar da thia dizer que não me acha rasão n'isso, mas a minha consciencia diz-me que o meu dever é procurar sahir d'aqui, quanto antes. De mais a mais a minha missão está cumprida e em negocios de dinheiro nada tenho que me metter, porque tem de correr tudo pelo Consul e a questão principal, que é a da Russia talvez leve annos a decidir. Tenho gasto bastante dinheiro, o que tambem me afflige e, além d'isso, não

acho praser algum em estar aqui, mas se não tenho parado, posso afiançar que ella pelo seu lado tambem não tem parado. Ás horas a que escrevo está fora. Foi á Rue du Bac, Rue de Sevres e creio que á Visitação. Parece que a antiga Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Maria Amalia está muito bem, muito gorda e *très embellie*. Já professou. Está uma lama horrivel e hontem choveo. Está o tempo muito escuro, de modo que mal se vê. Estou fazendo um tratamento á cabeça, por causa do cabello e a verdade é que estou melhor. Comprei um chapeo, mas tive de mandar fazer um de encomenda, porque não encontrei chapeo algum que me servisse. Tenho-me confessado e tenho ido quasi todos os dias, de manhã muito cedo ás Igrejas. Quando ouço Missa faz-me tristeza a lembrança da pouca unção com que os nossos Padres a dizem, em geral. Amanhã tenciono mandarlhe perguntar pelo telegrapho se quer que leve d'aqui alguma cousa, pois era bom aproveitar o portador. Além do chapeo, comprei um selim completo, por 60 francos, selim que achei novo de occasião e que costumão custar 120 francos e mais. O meu de Lisbôa é muito máo e o renova-o era negocio de 5 moedas ou mais para ter um novo. Mandeí fazer uma caixa para o levar, que me custa 2 francos. Espero que meu Pai esteja bom, e que a Sr.<sup>a</sup> Marquesa vá melhor. Tomára vêr-me d'aqui para fora. Se tivesse estado em Toulon só, não tinha vindo aqui, mas é melhor não repetir isto, porque a thia pode desconfiar comigo. A Theresa Ponte disse-me que tinha recebido uma carta de minha irmã. Tinha tenção de escrever outra carta, mas ponho – Confidencial – no principio e escrevo outra para meu Pai. Pelo que sei e vejo a herança do thio Pedro aqui em França é nulla ou muito pequena, quasi zero. Nos papeis que se lhe acharam, só se vêem documentos de venda de acções, etc. e o Gitton suppõe que gastou 150 mil francos. Resta o que ha na Russia, mas ahi ha 2 partes. Ha a parte que elle emprestou á mulher e aos enteados e ha a parte da herança da mulher. Corria como certo que o thio tinha cedido o dominio directo d'esta, 2.<sup>a</sup> parte a favor dos enteados, mas não encontrámos documentos d'isso, pelo contrario, mas por outro lado os enteados referem-se n'uma carta a um testamento feito pelo thio em relação á familia de Lisboa. Esse testamento deveria ter data de 1863, mas não se encontrou e não apparece nos Tabelliães. Deos lhe perdoe, e devemos esperal-o á vista da bôa morte, que teve, mas a verdade é que o thio deixou tudo em grande trapalhada, em harmonia com a vida que levava e supponho que além da doença a vista do precipicio, para o qual caminhava, abreviou a sua existencia, ou fez-lhe aborrecel-a ou mesmo lhe

transtornou a cabeça. Quem sabe. Em relação a uma reflexão que faz na sua carta de 11, tenho a dizer que a culpa era d'elle e só d'elle. Sei que muita gente procurou desvial-o d'essa mulher, dizendo-lhe mesmo cousas fortes, mas elle, por sua livre vontade é que se metteo debaixo do jugo d'ella, sabendo o que fazia. São cousas! Se fosse uma mulher que lhe tivesse amor, bem educada, uma bellesa, mas nada d'isso! Era mulher perdida, tinha um filho, não era humilde e só cedia ao dinheiro e no fim era venha mais, venha mais, para tudo. Não ha nada peor do que um homem desligar-se do freio da religião, que não é freio, e querer viver á solta. Infeliz de quem se deixar ir a isso e muito mais infeliz aquelle que pela sua idade e educação deveria reconhecer isso. É por isso tambem que reconheço que ha certos individuos para os quaes casamento é uma necessidade e um salvaterio com a condição do casamento ser feito com amor, amisade e estima reciproca, porque a não ser assim então é um inferno e podem perder-se duas em vez de uma só pessôa. Está morto, morreo como catholico apostolico romano, com a intenção de se desligar das cousas mundanas, sabendo que ia morrer e por isso é de esperar que Deos lhe tenha perdoado. Mas devo dizer alguma cousa. Até ao fim estive sem esperança de o vêr confessar e creio que foi Deos que se deixou vencer pelas resas e que permittio que elle vivesse o tempo suficiente para se reconciliar e arrepende das suas faltas. Espero que a thia Ponte esteja mais descansada e para nós deve servir de exemplo, dár que pensar e que reflectir, porque ha lição para todos. A thia está ainda um pouco incommodada, mas (peço segredo absoluto) supponho que a sua vinda a Pariz tem mais outro fim, que ella não me tem manifestado nem indicado e com o qual nada tenho, pois já me chegou a dizer que se eu quizesse poderia partir só, porque ella fica em casa da O'Sullivan. (Peço segredo d'isto). Se assim é acho só pouco delicado que me faça demorar com outro pretexto, mas torno a repetir que nada sei de certesa, nem quero saber. Estou afflicto por não ter cartas de casa. Não sei como terão corrido os meus negocios. O Mathias já foi para Lisboa, e seria bom que o Papa ou o Antonio o fossem visitar. Se eu não participo a minha partida, pelo telegrapho, até ao dia 28, quer isso dizer que é preciso renovar a licença. Encontrei em casa do thio a obra do Antonio e com licença do Consul, trouxe-a para o meu quarto e leval-a-hei para Lisbôa. Estive hontem com um dos meus Franceses de Lisboa e soube que o meu aparelho, para fundir metaes, vai figurar na exposição. Ainda não fui vêr as obras, nem sei se terei tempo para isso.

Sinto-me moido, apesar de que M<sup>me</sup> Lecesne me disse que eu parecia estar de optima saude. Vi em casa de Mr. de Villeret, M<sup>me</sup> Signoret e a filha que está crescidissima e bonita. O creado, Joseph, tambem me perguntou pelo Antonio a quem todos mandão recados, assim como a minha cunhada e ao Sr. Marquez e á Sr.<sup>a</sup> Marquesa. De novo nada sei. O discurso do imperador está pregado em todas as esquinas, nas gares dos caminhos de ferro, etc., mas nada se adiantou com o tal discurso. Já passou a reforma do nosso corpo diplomatico. O augmento de despesa é de cento e tantos contos. Peço muitos recados para todos os de casa. Espero que o thio Francisco continue satisfeito. Acabo esta porque vou escrever ao Papa. Adeos.

Filho muito Amigo do Coração

Jozé.

Torno a pedir que guarde esta para si e que se limite a cousas vagas e que mesmo a respeito das pessoas d'aqui, diga só que estão bons. Tremo de certas repetições, que na familia costumão fazer e que ás vezes podem ter resultados terriveis.

Pariz, 18 de Fevereiro, 1867

Meu Querido Papa do meu Coração

São 4 horas da tarde, mal vejo para escrever, mas não quero deixar de o fazer hoje. Depois que nos separámos tenho tido uma vida bem angustiada, com tudo o que tem havido e que deve saber. Felizmente conseguiu-se o fim que se desejava, pelo que se deve dar muitas graças a Deos. Por minha vontade já teria voltado para Lisboa, mas espero demorar-me aqui poucos dias. Não me divirto aqui, pois conheço isto tudo a palmos demais para me distrahir com a novidade, e por outro lado não tenho occupação bem definida para que me seja agradável estár aqui. Sei que esteve doente, mas sei que felizmente está melhor. Tenho feito algumas visitas ás pessoas minhas amigas e hoje estive na legação. Vi lá o Paiva, pai e filho e o Lencastre. Todos lhe mandão muitos recados. Estive hontem á noite com o Sr. José Domingues, que me perguntou muito pelo Papa. De novo nada sei. Houve o discurso do Imperador, que não produzio grande impressão nos animos, mas só nos jornaes, como assumpto para encher as columnas. Estou n'um Hotel, na Rua Taitbout, mesmo no centro do bairro elegante, mas creio que me mudo amanhã. Está uma lama horrivel. Comprei-lhe em Toulon uma rolha para a garrafa, muito engraçada. De pouco vale; é uma lembrança. Tenho tido muitas saudades de todos, embora possam ouvir dizer o contrario; mas tambem não hei de andar a chorar sempre. Não vi a M<sup>me</sup> Lotti, porque não tivemos tempo e os Hortegas não nos largaram. Obsequiaram-nos o mais que é possivel. A viagem de Badajoz a Madrid é horrivel; nem mesmo ha que comer. Em Madrid não fazia frio, mas vê-se bem que o clima não deve ser quente. Lá vi perto do Paço o sitio onde as sentinellas costumão apparecer de manhã mortas pelo frio. Tambem lá vi vestigios da ultima revolução. Entre a Hespanha e a França em relação á cultura ha o maior contraste que é possivel. No primeiro paiz tudo arido, inculto; no segundo não se imagina como tudo está aproveitado. Ha estradas magnificas e ha sitios onde ha, a par, caminho de ferro, estrada e canal e tudo com movimento. Passei por Lião de manhã e pareceu-me muito bonita cidade. Por Marseille passei sempre de noite. Viajar como viajei ultimamente não é viajar. É ser mercadoria e deixar-se levar. Nem é possivel reter os nomes das terras todas, por onde se passa. Desculpe o modo porque

esta vai escripta, mas estou com uma letra não sei como. Sei que jantou com o Visconde d'Asseca e o Soveral e que tem ido muitas vezes aos Mariannos. Peço muitos recados para todos. O Mathias deve estar ahi em Lisboa. Ouvi que nada arranjou aqui. Recebeo-se hoje aqui uma parte telegraphica do Conde da Ponte, que nos veio metter em confusão, pois trazia data de 16, perguntava pelo doente, e no dia 14 mandei eu uma parte telegraphica dizendo que deixavamos Toulon e deverião ter percebido pelo resto que o thio tinha morrido. Ha três dias que não escrevo, mas não tenho tido tempo. Espero que minha Mãe esteja melhor, assim como o Papa. Peço muitos recados para todos, para a Theresa, Antonio, Sr.<sup>a</sup> Condessa D.<sup>a</sup> Maria, thio Nuno, Joaquim Maria, Soveral, Costa, Antonio Creado e para todos e sou do Coração seu

Filho muito Amigo

*Jozé.*

Recados tambem do thio Azinhaga. A thia Marianna está fóra. Ella não escreve e recommendou-me que pedisse que d'ahi de casa mandem noticias para os Mariannos. Adeos.

Pariz, 21 de Fevereiro 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

Hontem, cheio de cuidado, receando mesmo pensar no que poderia ter havido, mandei uma parte telegraphica, para pedir noticias. Serião 3 horas da tarde. Hoje e agora que são 11 horas do dia, ainda não tive resposta, mas estou sem inquietação, porque hontem á noite, estava já deitado, entrou a thia e deo-me a sua carta de 13. A demora na recepção foi devida ás demoras, que teve em Bordeos, Toulon e Marseille. Tambem recebemos a sua parte telegraphica, das 11 horas da manhã, á qual não respondemos, porque a minha das 3 horas era resposta a quasi tudo. Os negocios estão quasi arranjados. Faltão uma malla e um sacco, que tinhão ficado em Toulon e que mandámos vir para aqui e, logo que cheguem, fica tudo arranjado e poderemos partir. Espero que assim será no Domingo ou na 2.<sup>a</sup> feira, e por tanto é preciso prorrogar a licença, por oito dias. Nos papeis do thio appareceo uma carta da Maman offerecendo-lhe mil francos. O Gitton suppoz que era divida, mas em casa do La Bouillierie aclarou-se tudo. A thia Marianna saldou as suas contas com o thio, isto é com o Gitton e foi isso bom, porque o dinheiro que havia do thio, em casa do banqueiro, não chegava para pagar tudo. Existião lá só 4 mil e tantos francos. Appareceram hontem umas contas immensas do Medico, mas o Gitton não está disposto a pagal-as. Em todo o caso o transporte do cadaver para Lisbôa ha de ser feito á custa da familia, pois não ha dinheiro para isso. Em dois annos gastou o pobre homem 200 mil francos e ultimamente, achando-se com tudo vendido, começava a attacar o capital que tinha na Russia. Já se tomaram providencias, por causa da casa, mas, se não se sub-arrendar, tem a familia de a pagar até Julho, isto é pagar seiscentos e tantos francos ou mais. O Gitton tem andado com diligencia e, se não fosse por causa da malla e do sacco, poderíamos partir amanhã ou depois. Estive hontem de tarde em Passy, com a thia. Antes d'hontem jantamos em casa do Paiva, onde são polidos comigo, como sempre forão. Não havia ninguem, excepto os de casa. Antes d'hontem fui ao meu antigo laboratorio e declaro que tive grande gosto em vêr o Pisani, que se conserva meu amigo. Tive tambem certo sentimento de alegria em vêr

aquellas paredes tão minhas conhecidas e onde trabalhei, pensando unicamente em estudar, para corresponder á bondade de minha Mãe e de meu Pai. Ainda vive o François, mas está muito velhinho. Disse-me que tem sempre resado, por mim, coitado. Dos meus companheiros, nenhum vi e um só vai ainda lá trabalhar, é o tal Conde de La Tour du Pin, que tambem tem fallado em mim. O Pisani queria que eu lá fosse jantar, mas prometti ir lá passar uma noite, para vêr as Senhoras e a pequenina, M<sup>lle</sup> Irene, de cujo nascimento eu servi de testemunha na Mairie. O Pisani disse-me que tinha gostado muito de fazer o conhecimento do Antonio. De lá fui a St. Sulpice, para vêr o meu antigo confessor. Não o encontrei, mas escrevi-lhe na sacristia e depois fui fazer oração na Capella de Nossa Senhora, capella em que tenho fallado muitas vezes. Depois fui ao Champ de Mars, para ter idea das obras, mas não entrei no recinto, porque não vale a pena. É tudo plano, de modo que não se pode ter idea do todo. Muita pena tive de terem desmanchado o Trocadero, pois de lá teria visto tudo *à vol d'oiseau*. Estão construindo um modelo de pharol, altissimo e de folha de ferro e estou persuadido que ha de render muito dinheiro, porque é o unico ponto elevado que existirá. Não tenho ido a theatro algum. Logo vou visitar os Polignacs e o Flahaut. Hoje comunguei á Missa das 8 horas na Igreja de S. Roch, pois com a vida que levo é bom andar preparado para tudo, que a gente sempre o deve estar. Tenho pena de não ter dinheiro, para lhes levar d'aqui muitas cousas, mas pouco levarei. Sirvão ao menos a vontade e os bons desejos. Estâmos optimamente alojados e não gastamos mais do que no Hotel, pois comemos na taberna inglesa por detraz da Magdalena e Rua La Ville l'Evêque, onde se come muito bem e barato. A thia Marianna tem jantado quasi sempre em casa de gente amiga, ou para melhor dizer, todos os días, Flahaut, Passy, O'Sullivan, Sobrinha, e tem sido bom para a espairecer. Recebi hontem uma carta do Wiener, ao qual escrevo hoje. Tambem escrevo ao Mathias e a um dos meus empregados. O que desejo é saber que a Maman está socegada e que o Papa e a Maman estão bons. Agora é excusado e sem vantagem estar inquieta e desassocegada. Tem estado um tempo sempre sombrio. Desde Toulon que não vejo sol. Espero que o Antonio tenha passado bem. Tenho escripto pouco, mas tambem tenho-me achado só para tudo e em algumas cousas ter que pensar e maduramente. Estou com idea de vêr se fazemos viagem *d'un seul trait*. Vamos a vêr. Para a assignatura dos seus jornaes, já aqui arranjei alguém que se encarrega d'isso e tambem de toda e qualquer

encommenda, que se queira. Soube hontem que o Placido já partio para a Bahia e que levou o filho. Não me agradou isto, porque não sei quem ficou então encarregado dos negocios do João. Peço-lhe que m'os vigie, em quanto eu ahi não estou. O João continua sempre mal e eu não sei como elle se meche. É um outro tormento, pois imagine que desde Julho tem gasto 5 contos e não tem fortuna para isso. A Theresa estava hontem menos mal e a pequena muito bem. Diz-me o Wiener que os Huguenots fazem grande bulha em São Carlos assim como os bailes no theatro novo. Tenho pena de não passar os tres dias do entrudo em Lisbôa, pois erão tres dias, nos quaes contava descansar. Será o que Deos quizer. Acabo de receber uma parte telegraphica, resposta a uma minha; na qual me dizem que a malla e o sacco já forão expedidos para Pariz e por isso acabo de mandar o marido da antiga *concierge* do thio ao Caminho de ferro, para vêr se chegaram. Aqui em Pariz a pessoa que mais sentio a morte do thio foi a *concierge*, que é boa mulher e que dizem que o tratava com muito carinho. A thia já vio a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia e achou-a muito bem. Pode dizer isto á familia, se o quizer fazer. Faz grande bulha aqui um livro escripto *par la Comtesse de Boigne*, 2 volumes, intitulado – *Une passion dans le grand monde*, no qual se falla no assassinato do Duque de Loulé, em Salvaterra. Vende-se no *Michel Lévy Frères*. Não lh'o levo porque a thia disse-me que tenciona compral-o. A thia foi hontem vêr M<sup>me</sup> Le Cesne. Achou-a de cama e muito constipada. Lembra-me dizer-lhe que o tal tratamento á cabeça me tem feito bem. Estou muito melhor. Comprei uns pós para dentes magnificos, mas estou envergonhado e hei de ser caçoado ahi em Lisboa, com catureira, porque a thia diz que nunca vio, comer assim. É bôa historia. Muito agradeço ter entregue ao Antonio as minhas cartas. A carta do Wiener fez-me rir immenso. Coitado, é meu Amigo. Ainda não recebi resposta á minha parte telegraphica d'hontem. Vamos a vêr. Hoje devia ser o cazamento do José Luiz. O Sr. Visconde parece que está optimo domno de casa. Sou obrigado a acabar esta e faço-o pedindo muitos recados para todos. Tenho estado afflicto, por causa do thio Francisco. Com a reforma do Casal, os empregados diplomaticos devem ser pagos em Lisbôa, o que é bem feito, mas o pobre thio sofre com isso uma diminuição de receita de perto de 300 e tantos mil reis, o que e negocio serio. Na palavras todos incluo tambem o Marquez de Pombal, Amigo Serpa, etc. Abraço meu pai e meus irmãos, peço recados

para a Tixi, thio Nuno, senhores Marquezes e creados e thia Lourença e creadas e sou do Coração

Filho muito Amigo

Jozé

P.S. Torno a pedir que socegue. De certo nunca contou com herança do thio, pelo contrario e por isso d'ahi não ha que pensar e, em quanto á sua alma esteja socegada, porque se fez o que foi possivel fazer. Agora pensar no que se passou, etc. isso atormenta o espirito sem proveito algum, pelo contrario, com prejuizo da saude. Adeos. Adeos. Adeos. (Apesar de dizerem que é scisma). Adeos outra vez.

Pariz, 22 de Fevereiro 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

Acabo de receber a sua parte telegraphica de 21, em resposta á minha, e as suas cartas de 17, 18. Hontem á noite recebi a sua de 15 e uma do Papa, com a mesma data. Muito estimo saber que não está peor e que os mais vão bem, mas a Theresa diz-me, na sua de 18, que o Gomes recommenda a mudança de ar e eu perguntarei porque não pensão em ir estar algum tempo no Aléntejo. Estou certo que se forem lá uma vez hão de gostar, hão de voltar e devem lembrar-se que a viagem se faz hoje muito facilmente. Fico sciente do que me diz a respeito dos menores e vou logo fallar n'isso com o Gitton. Hontem estive com M<sup>me</sup> de Flahault e com a filha. É boa gente, muito chã, procurando pôr todos muito á vontade. Em que alturas estive, pois pedio-me desculpas de me ter feito esperar, por causa do Larochefoucault. A casa é bôa, mas parece-me que vivião em Londres, com mais grandesa. De lá fui procurar as Senhoras Polignacs, que não achei. Fui a casa de Mr. de Villeret, que tinha sahido e de lá dirigi-me ao Hotel Camões, onde passei horas com o Viegas. Tambem vi dois rapazes de pontes e calçadas, meus antigos condiscipulos e gostei de vêr que todos se conservão meus amigos. Disserão-me que muitas vezes tem fallado em mim. Vim jantar á taberna inglesa, subi para um Omnibus e fui a Passy, onde encontrei a thia Marianna. Fui de corrida saber de M<sup>me</sup> Le Cesne, que esteve incommodada, mas vai melhor. Supponho que podemos partir na 2.<sup>a</sup> feira. A malla e o sacco devem chegar hoje. Interrompo esta, para ir almoçar, pois são 10 horas e 20 minutos. Acabo de voltar do almoço. Almocei só, pois a thia tinha-me dito que a esperasse só até ás 10 ¼ horas. Está aqui em Pariz o Visconde de Seisal. Parte hoje para Lisboa. De novo nada sei. Vou vêr se compro o que a Theresa quer, mas é necessario combinar as horas, porque fica a uma distancia immensa d'aqui. Tenho gasto muito dinheiro, mas ainda nada tirei de casa do Bouillerie. Tenho tudo marcado e assim tem-me sido facil ajustar as contas com a thia. Entre outras cousas mandei fazer uma forma, para o meu calçado, pois ahi, em Lisboa, os sapateiros são o meu tormento. Descobriram que a minha perna direita é mais delgada de 5 centimetros do que a esquerda (é boa catureira), o que não me admira, pois foi na direita que eu tive uma ferida e creio que um tumor

frio, quando era pequeno. Dizem que Sua Majestade chega aqui no dia 10 de Abril. Tenho procurado saber se os aparelhos indicados para evitar as desgraças devidas a cavallos fugidos, fazendo parar estes, dão bom resultado, mas parece que não. O que todos trazem nos trens são dois pares de guias, cousa em que tantas vezes ahi fallei. Pouco ou nada tenho lido, mas espero indemnizar-me ahi em Lisbôa. Ainda bem que tem uma bôa colheita de azeite. Uma das razões, porque me tem atormentado a minha estada aqui é a idea de que a despesa possa embarçar a sua vinda aqui este anno, mas a este respeito dou um conselho e é que é preferivel virem um pouco mais tarde em Junho, ou Julho, depois de passada a primeira effervescencia. A voz constante é que os parisienses (familias de bem) sahem todos para o campo, com o fim de especularem nas casas. Se a do thio Pedro não se alugar vale a pena aproveitá-la, pois fica sem gente até Julho (fim de). A algumas considerações que me faz tenho respondido nas minhas outras cartas e, por isso, nada digo. Creio que vou ter massada com os negocios do João ahi em Lisboa, pois é preciso vêr se certa pessoa paga parte do que deve, ou pelo menos os juros e se faz uma declaração, porque aliás, se morrer, o que espero seja d'aqui a muitos annos, o João perde uma bôa somma. Ha certa gente, que devora dinheiro e o peor é que não procura pôr cobro a isso. A Sr.<sup>a</sup> D. Joaquina fica provavelmente uma bicha contra mim, mas entendo que a devoção e a religião devem ser accompanhadas de nobresa de sentimentos, aliás é *bigoterie* pura e simples. Ouço que o Sr. Visconde deve vir brevemente para Louvain. As cartas das pequenas, pelo que me tem dito a thia, são galantissimas. Pela visita da Sr.<sup>a</sup> Condessa de Mello concluo que o casamento ainda não se fez. Espero que a Sr.<sup>a</sup> do Lavradio vá melhor. Coitada! Acabo esta, para escrever duas regras a meu Pai. Adeos. Peço desculpa de não escrever ao Antonio (meu irmão), mas espero que elle creia que não me esqueço d'elle. Adeos. Recados para todos.

Filho muito Amigo do Coração

Jozé

Torno a escrever porque me lembrou, em quanto escrevia ao Papa, uma cousa.

A herança do thio aqui em França é nulla. O Gitton diz que vai tratar da da Russia, mas lembro que é melhor tratarem esse negocio tambem ahi de Lisboa, por via do Ministro e do Consul da Russia. Pensem e vejam se tenho rasão ou não. Adeos. A thia ainda está por fora. Adeos.

Torno a escrever na Legação para lhe dizer o seguinte.

Segundo a lei francesa os filhos do thio Fernando não teem direito á herança. Os tres herdeiros são as tres irmãs, que devem fazer o seguinte. É preciso que se habilitem, perante os tribunaes portugueses, para receberem o que houver. Os papeis {de habilitação} devem então ser mandados para Pariz, ao Gitton, com a procuração do Cabeça do Casal (thia Marianna), para o Gitton fazer então entrega do que houver. Os papeis de habilitação devem ser para o que houver em toda a parte, para o Gitton poder tratar do que ha da herança na Russia e por isso não tem logar a lembrança, que acima apontei de fallarem com o Consul e com o Ministro da Russia em Lisboa, mas sobre isso fação o que lhes parecer, Adeos. É uma hora da tarde.

Pariz, 22 de Fevereiro 1867

Meu Querido Papa do meu Coração

Recebi hontem á noite a sua cartinha de 15, que muito agradeço e muito estimei sabel-o bom. Já lhe escrevi aqui de Pariz e espero que acredite que nunca o tenho perdido da lembrança. Espero largar esta terra d'aqui a poucos dias. Deo-me vontade de rir a prelecção do Conde de Ficalho e lembra-me dizer que aqui se está gritando hoje muito contra essa mania de prelecções. Os francezes quizerão imitar os inglezes, mas creio que não souberão fazel-o, porque aqui todos dizem que as prelecções, sem numero, feitas em Pariz de nada servem, é poeira aos olhos, com a qual se gasta muito dinheiro e faz com que os homens de sciencia abandonem o socego do quarto, onde só se pode pensar maduramente, para se tornarem uma especie de palhaços, para divertirem o publico, divertimento que se torna massada, quando não ha experiencias, que firão o sentido da vista. A resposta que aqui dão os professores é que é moda e que não ha remedio senão ir com ella. Os nossos fundos e caminhos de ferro (pelo menos estes com certesa) estão aqui muito desacreditados, pois todos sabem que ahi em Portugal se está vivendo de emprestimos e gastando o que não se pode gastar. Já sabia da visita do rei á Moeda, mas o que admira é que quem andou cá por fóra e vio as casas da moeda de Pariz, Londres, Madrid, etc. se possa illudir a ponto de ficar satisfeito com o que ahi ha. Algumas das maquinas novas, ahi existentes, são boas. O mais é uma porcaria e cada vez me persuado mais que a má disposição das cousas, o máo local, a falta de ventilação e de luz influem sobre o moral dos homens, a ponto de os depravarem. É debaixo d'esse ponto de vista, em parte, que se estão destruindo em toda a parte os bairros no genero do nosso bairro alto e de outros que tambem ahi ha em Lisbôa. Vi em Toulon uma arvore linda de que lhe mando o nome e que se obtem, semeando a semente que deve procurar ter, pois é uma arvore que chega a ter 100 metros de altura e 28 de circunferencia na base. Eis o nome, que guardei até hoje, para lh'o mandar. Eucalyptus Globulus – Gommier bleu. Familia (Myrtacées). Natural da Australia. É muito vantajosa contra – les miasmes paludéens e as folhas são febrifugas. O outro dia, antes d'hontem, muito me lembrei do Papa, por dizer que para o francez o jantar é negocio serio. Jantou defronte de mim

um velho. Chegou pediu uma sallada, que adubou a sua vontade, muito de vagar e pediu  $\frac{1}{2}$  *canard*. Preparada a sallada, esperou com regosijo pelo *canard*. Chegou este e mandou partir pelo *garçon*. Dispunha-se a comer, mas aproximou o nariz do prato e não gostou do cheiro. Travou-se uma disputa. A final estava pago, dispoz-se a comer. Comeo um pouco, tornou a cheirar, não pode ficar contente e a final elle mesmo levou o resto para cima do aparador e fez uma declaração ao creado dizendo que nunca mais queria *canard*, apesar do criado dizer que o cheiro era o cheiro proprio. Tive dó do velho, pois tencionando fazer um bello jantar, sahio-lhe tudo torto e ao contrario do que desejava. Acabo, pedindo muitos recados para todos e sou do Coração

Filho muito Amigo

Jozé

A thia está bôa. Creio que não escreve hoje. Será bom mandar aos Mariannos noticias. Adeos.

Muitos recados do Visconde de Paiva e do Padre de Lancastre assim como para o Antonio. É isto escripto na Legação, ao pé do Visconde de Lancastre. Adeos.

Pariz, 24 de Fevereiro 1867,  
10 ½ horas da manhã.

Minha Querida Maman do Coração

Estou vestido e prompto, para ir almoçar com os Polignacs ás 11 ½ horas e por isso aproveito, para escrever estas linhas. Hontem fui jantar com Mr. de Flahault. Não havia mais gente além de nós dois e os tres de casa. É um velho respeitabilissimo. Vai perdendo um pouco a memoria, coitado, o que não admira. Perguntaram muito pela Maman. Hontem á tarde veio Mr. d'Oilliamson vêr-me. Fiquei-lhe muito obrigado, pois teve o incommodo de ir á Rua St. Georges e só ahi soube a minha morada. Disse-me que tinha recebido hontem carta de Lisbôa. Já remetti pelas Messageries o Sancto para a Theresa. Vai o caixote com o nome do Papa. Não sei se chegará a Bordeos a tempo de ir pelo vapor de 25. Espero que sim, mas se não fôr no de 25 vai no de 1. Estou zangado por causa da tal malla e do tal sacco, que ainda não chegaram de Bordeos. Supponho que amanhã vão ser avaliadas algumas das cousas do thio. A thia disse-me que tinha recebido hontem instrucções suas a respeito de uma pendula e outros objectos. Tomára vêr-me d'aqui para fora, pois isto não é muito divertido para nós. Hoje ha corridas na Marche, a que não vou. Talvez vá a Passy á noite, ou no meio do dia. Estâmos quasi no fim do mez e quasi no entrudo. Passa o tempo a galope. Vou interromper esta, mas continuarei logo. São 2 ½ horas. Fui almoçar com Mr. d'Oilliamson. Estavão elle, a mulher e M<sup>lle</sup> Elisabeth. Muito gostei de as vêr. Não as tinha visto desde a morte de M<sup>me</sup> de Polignac. Estive lá até á 1 ½ horas. Perguntaram muito por todos e disserão terem tido uma carta de minha cunhada, ha poucos dias. De lá fui procurar Mr. de Villeret, que não achei. Tornei a ir procural-o, mas ainda estava fóra. Voltei para este lado do rio. Ao passar pela praça da Concordia, vi mesmo de perto o principe imperial n'uma carruagem com o mestre e outro pequeno. Achei-o com cara de doente. A thia Marianna foi visitar hontem Mr. de Villeret. Está muito mais frio. Estou em braza, porque ainda não tenho noticia da tal malla e do sacco. Acabo esta pedindo muitos

recados para todos, abraços para o Papa e para meus irmãos e esperando que me acredite ser seu

Filho Muito Amigo do Coração

**José**

P.S.

Para não haver duas cartas, peço o favor de entregar a inclusa ao Antonio creado.

Pariz, 26 de Fevereiro 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

Tencionavamos partir hoje, mas não é possível. Sei que foi para Cintra no dia 22 e espero que a mudança de ar lhe tenha feito bem. Por minha vontade ficaria já no campo, pois acho que a mudança de ar lhe faria bem e sobretudo o descanso. Estive já hoje de manhã em Passy. Almocei lá e depois vim para Pariz com o João. Nada sei de novo. Recebi hontem a sua de 20. Não posso ser mais extenso. Supponho que partiremos amanhã. Peço muitos recados para todos. Abraço meu Pai e meus irmãos e sou do Coração seu filho muito Amigo do Coração e obediente

Jozé

P.S.

Muitos recados da thia Marianna.

Lisboa, 26 de Agosto, 1867

## Minha Querida Maman do Coração

Aqui recebi uma carta sua e duas do Papa, de Madrid e as partes telegraphicas, uma de Madrid e duas de Bordeos. Senti muito saber que tinham tido uma viagem tão incommoda de Lisbôa a Madrid e que contribuisse para isso o ataque do Antonio. Imagino bem que seria grande o soffrimento para elle e para todos. Supponho que a Theresa deverá ter gostado de vêr o Museu e n'esse genero devem aproveitar para vêr tudo o que fôr possivel vêr em Pariz e Londres, mas nada digo, porque teem de certo optimos *ciceronis*. Recebi a ordem para mandar o Antonio. Já hontem, Domingo, dei alguns passos para isso e combinou-se remettel-o pelo vapor, que parte para o Havre no dia 29. O Costa está já de volta de Cintra e acha-se melhor. As thias já forão para as praias. Ainda não as fui vêr, mas tenho-lhes escripto. Tencionava ir vel-as hontem, mas estive preso de manhã com voltas e por fim fui jantar com o thio Luiz, que aqui tem mandado saber noticias. Parte para Pariz no dia 4 ou 5 e o Irmão, Conde de Cavalleiros, chega hoje a Lisbôa com a mulher. Está em Lisbôa o Padre Sipolis, de caminho para o Brazil. Desejo ir vel-o logo. A Sr.<sup>a</sup> Marquesa de Ficalho mandou-me pedir hontem a sua morada em Pariz. Tem feito muito calor. Tambem tenho escripto para Subserra. A Tixi lá está e será bom que se conserve. A jantar aqui tive pela primeira vez o thio Nuno, no Sabbado. Teem-se feito economias e supponho que me chegará o dinheiro. Se faltar algum será pouco. Os cavallos doentes vão melhor. Os criados e criadas agradecem e mandão recados. Tem havido paz e socego e espero que continuará. O pequeno do Francisco está com sarampo, mas vai bem. Tem havido grandes illuminações no Passeio a favor do Maria Pia. S. S. M. M. estiverão lá hontem, mas pouco se demoraram, o que não admira. A tourada, chamada dos fidalgos, está transferida para 4.<sup>a</sup> feira. Tomei uma assignatura e dei o bilhete disponivel á Quiteria. Já arranjei o negocio do moço para a agua e evitei o estár-se gastando o que se gastava com dois moços. Tem-se fallado aqui muito na Revolução em Hespanha, o Jornal do Commercio tem trazido artigos muito inconvenientes, mas parece fóra de duvida que a Revolução foi reprimida. Muita gente me tem pedido noticias, alguma aqui tem vindo a casa, mas não quero encher a carta

com nomes. Fui ao enterro da Sr.<sup>a</sup> Viscondessa D.<sup>a</sup> Ritta. Foi uma cerimonia, que durou 4 horas, mas dizem que é uso. Peço muitos recados para todos os viajantes e esta carta é para todos. Tambem os peço para Mr. de Villeret, M<sup>me</sup> Signoret, M<sup>lle</sup> Fanny e espero que o Papa e a Maman lhes agradeção o agasalho e bom acolhimento, que n'elles sempre encontrei. Peço que diga á Theresa Ponte e ao João que espero uma resposta d'elles vai em 15 dias e que já estou sem saber se as minhas cartas forão recebidas ou não. Os dotes ha urgencia em os registrar, aliás perdem-se. Para os foros creio que concederão uma demora. Do Azinhaga não sei directamente, mas consta-me que está bom. Acabo, porque vou almoçar e sahir. Amanhã torno a escrever. Abraço a todos e sou do Coração seu

Filho muito Amigo do Coração e obediente

**Jozé**

Lisboa, 30 de Agosto, 1867

Minha Querida Maman do meu Coração

Hontem partio o Antonio e tenciono mandar amanhã, talvez, uma parte telegraphica, para os avisar d'isso. Recebi uma carta de meu Irmão a respeito d'essa partida e espero que todos fiquem satisfeitos com o que fiz e com as indicações, que aqui dei e que d'aqui mandei. Ainda não tive carta de Pariz, mas recebi hontem uma carta de Bordeos do Papa. Já fallei com o D. Luiz da Camara Leme e estou com desejos de vêr o Soveral. O Sr. Marquez foi hoje procurar-me á Moeda e já depois tive noticias de Subserra por uma carta da Tixi. No dia em que recebi a parte telegraphica de Pariz escrevi logo para Caxias e Subserra. Na 4.<sup>a</sup> feira sempre houve a tourada. Fui, mas não fiquei até ao fim. Em Caxias estão bons, segundo carta da thia Ponte, que andou muito incommodada da cara. Comecei hontem com os banhos de D. Clara e quero vêr se tomo uns 20 ou 30 banhos. Tem feito muito calor. Encontrei o Marquez de Pombal na 4.<sup>a</sup> feira depois de elle ter aqui vindo saber noticias. Ainda não está em Oeiras. Tenho tido bastante que fazer por causa de uma analyse de carvão. Vamos a vêr se a levo ao fim. De politica nada ha. A respeito de Hespanha, não sei bem o que ha. Encontrei hoje o Silva, cirurgião, que manda muitos recados a todos. O pequeno do Francisco vai melhor. O Jardineiro tem andado muito incommodado de uma perna, mas vou vêr se consigo que se trate. O Paschoal está bom. O resto da familia continua de saude e continua a haver socego. Os cavallos doentes estão melhores e o do Antonio pode dizer-se bom, mas é preferivel que tenha uma convalescença grande. Espero que tenham tido ahi bom tempo. Tive uma carta da Theresa Ponte. Está no Havre, 6 Rue du Perrey. O João continua muito mal, segundo ella me diz. O Manoel Ponte foi servir de moço de forcado! Felizmente não lhe succedeu mal, mas que teima! Espero que tenham tido todos saude para aproveitarem e bem a estadia ahi. Como vai o Antonio (C.<sup>o</sup>) com a sua complicadissima escripturação? Ainda não tive occasião para ir a Caxias, mas tenho sido exacto em escrever. Em Oeiras está pouca ou nenhuma gente. O thio Nuno aqui tem vindo. Hontem jantou comigo um rapaz meu Amigo, mas não houve nada de extraordinario. A cosinha anda agora muito mais limpa. Mandeí concertar a pia para a agua, que estava com a torneira solta e dei um

cadeado para estar a tampa sempre fechada. Iluminação á noite na loja acabou-se. Sou obrigado a acabar esta. Faço-o pedindo muitos recados e abraços para todos, esperando que me acredite sempre seu

Filho Muito Amigo e Obediente

**Jozé**

Recados dos criados e criadas, todos. Peço muitos recados para todas as pessoas minhas conhecidas e francesas, que vir. Adeos.

Lisboa, 31 de Agosto, 1867

Minha Querida Maman do Coração

Recebi hoje uma parte telegraphica do Papa, para não mandar o Antonio, mas veio tarde porque partio no dia 29 de manhã. Recebi depois uma de 26 e lendo-a fiquei convencido do que suppunha a respeito da ida do homem, isto é que não valia a pena mandal-o ir. Mas o pobre foi, porque o mandaram ir; foi contra vontade e por isso foi por julgar ser um dever de gratidão ir e por tudo isso peço que não o recebam mal, pois elle é nosso amigo. Estimei muito saber que estavam bons e imagino que todos hão de gostar da estada em Pariz. De Subserra posso dár boas noticias. Em Caxias não ha novidade. De politica nada ha. Hoje está menos calor. Diga ao Antonio que a cobrança para o collegio foi muito fraca este mez, mas eu cá irei arranjan-do isto. O Caseiro ainda não escreveu e tenho eu por isso tenção de o fazer se não receber carta por estes dias. Dizem hoje os jornaes que o Castello Melhor vai substituir o Sabugosa. Continua o calor. Quero vêr se deito amanhã até Caxias. As criadas estão boas. O pequeno do Francisco vai melhor. Peço-lhes que me avisem oito dias antes da chegada a Lisbôa, para a casa estar prompta e limpa. A Casa de Oeiras não apparece alugada. O Costa mandou hoje á Annunciada pedir noticias. Diz elle que vai melhor. Encontrei lá o outro dia o rendeiro de Linda a Velha, Ramalho, creio eu, que fez uma gritaria que não imagina. Não tenho ido a parte alguma. Tenho tomado banho todos os dias. O thio Luiz não sei se parte amanhã. Na Luz estão bons todos. A Sr.<sup>a</sup> Marquesa de Ficalho mandou-me pedir a morada em Pariz. Tenho pena que não vissem em Bordeos as taes mumias. Nunca fiz a viagem de Pariz a Bordeos de dia, mas tenho ouvido sempre que o paiz é lindo. O que dirá a Theresa ás elegancias em Pariz. Estou persuadido que a viagem ha de fazer bem a todos, cada um no seu genero e principalmente por se acharem mais a braços com o que é o mundo, cousa de que não se faz idea aqui, terra pequena, de intrigas e onde todos se conhecem e todos sabem o que ha ou o que não ha e o que cada um tem ou deixa de ter. Ahi faz-se caso do dinheiro, mas não ha certa sabujice social que aqui ha em Portugal, por ser

pequeno. Acabo, pois não posso ser mais extenso. Adeos. Abraços e recados para todos.

Filho Muito Amigo do Coração e Obediente

**José**

Parabens pelos annos da Theresa.

Lisboa, 5 de Setembro, 1867

Minha Querida Maman do Coração

É esta escripta no Laboratorio e aos pedaços, para não deixar de ir hoje pelo Correio. Ha muitos dias que não tenho noticias directas de Pariz, mas estou esperançado em que, se houvesse novidade m'õ terião mandado dizer. Hontem mandei uma parte telegraphica, de 20 palavras, em que dizia tudo o que lhes podia interessar e mandava os parabens, que espero tenham sido bem recebidos. Tenho as contas todas em ordem e digo á Maman, Theresa, Antonio e Maria que estejam descansados. Tudo o que a Theresa desejava foi feito antes do dia 4. Já fui ao Collegio duas vezes. A cobrança foi só de 214\$000 rs, mas temos as ferias e por isso menos despesa este mez. Mandei caiar e limpar e pintar e arranjar uma mesa para ter tinteiro, mas de modo que a mesa não fique servindo só para isso. Na Annunciada tem andado um pedreiro, por causa do telhado. As fornalhas estão em pessimo estado, mas não as mando arranjar, em quanto não me der ordem e lembro que o melhor seria comprar um fogão, que no fim de contas é mais limpo e economico. Já se andão limpando as janellas. O jardineiro tem andado adoentado, mas tem servido sempre. Lembra-me dizer que a verba jardim andou em Agosto por trinta e tantos mil reis, o que faz no fim do anno, pelo menos 360 mil reis, o que é enorme. Já que fallo em despesa direi uma cousa. Estão longe, fora de Lisboa, podem pensar mais a sangue frio e por isso seria bom verem se seria ou não possivel cortarem alguma cousa a despesa, quando voltarem para aqui e se seria ou não conveniente fazel-o. Estou convencido, pelo que vejo que a mesada de 400 mil reis é apenas sufficiente e muitas vezes não chega, o que não deve admirar porque está tudo carissimo. Acrescente-se a isto roes, sobre roes, e tudo o mais que é necessario n'uma casa montada, como esta se acha, e verá que por muito bom rendimento, que meu Pai tenha, ha perigo e grande em continuar na mesma vida e encarando a questão por outro lado é mais agradável ter dinheiro em cofre do que está baldo ao naipe. Sei que meu Pai tem grandes encargos, entre outros a familia do thio Nuno, que directa ou indirectamente lhe pesa sempre, mas no superfluo é que se podem fazer economias. Bem sei que me vão dizer que não ha superfluo, mas isso é relativo e só no que diz respeito a carroagens lembro que está pagando meu Pai, só de

impostos, mais de duzentos mil reis!!! Estou convencido que se se dessem as mãos e se quizessem, não impor-se sacrificios, mas harmonisarem o modo de vida, bastariam duas carruagens, o que traria consigo uma economia de palha, cevada, ferrada, dois criados, ordenados e sustento dos mesmos, corrieiro, carpinteiro e impostos! Peço desculpa de fallar em tudo isso, mas faço-o por interesse pois o que tenho a ganhar é ficar talvez algum, não digo zangado, mas amuado comigo. Acrescente a isto tudo o facto dos encargos irem novamente crescendo, pois a familia do thio Nuno ha de tornar-se todos os dias mais dispendiosa para nós e não digo dispendiosa para luxo e sciencia, mas para impedir que d'aquelle ninho appareça um bando de vadios para não dizer mais. Uma outra economia em que não haveria privação alguma seria o irem estar todos os annos dois ou tres mezes no campo, mas em Evora ou propriedade propria. De tudo isto resultaria não haver ás vezes certas afflicções, terem sempre dinheiro disponivel até para poderem repetir viagens e irem divertir-se. Julgo isso mais agradável do que o vegetar constantemente e gastar-se sem bem se saber em que. Lembro além d'isso que a casa onde estão em Lisboa pode-se habitar n'ella, mas ha de exigir em dois ou tres annos concertos e concertos importantes, que hão de importar em bastante dinheiro. Fui interrompido, mas apesar de ter perdido um pouco a idea em que estava posso assegurar que o que dominava em mim, como domina agora, era o desejo do bem estar do Papa, da Maman e nada mais. Os roes é cousa que absorve immenso dinheiro, sem se perceber e é por isso que eu os reputo verdadeiros cancos. Manda-se pôr no rol e depois? Tem de se pagar a despesa do mesmo modo. Sobre isto ponho ponto final, pedindo desculpa sobre o que fica dito, mas desejo que o Papa tome conhecimento do que fica escripto, assim como o Antonio. Espero que tenham continuado a passar bem, de saude e gostando da viagem. No Domingo fui a Caxias de tarde. Já lá não encontrei o Alexandre. Partio, quando menos se esperava. A thia Marianna veio a Lisbôa, antes d'hontem, mas não a vi. Vi o Visconde. Estive um dia d'estes com o Costa. Está melhor. Quando o Papa voltar hei de contar-lhe uma historia a respeito de pessoa, que lhe é obrigado e conhecida desde criança, para seu governo. A Tixi está em Subserra. Estive hontem ou antes d'hontem (é isso) com o Sr. Marquez, que voltou para Subserra. Da thia Julia nada tenho sabido directamente. A thia Maria Joanna tem estado outra vez, muito adoentada. Fui o outro dia ás Larangeiras, a casa do Conde de Farrobo, por ter corrido que voltara, mas não o achei

lá. O pequeno está bom e por isso se ahi o vir pode-lhe dár boas noticias. Morreo o Taborda, que foi enterrado hontem. Tem havido grandes beneficios no Passeio, a favor do Maria Pia. O thio Luiz parte na 2.<sup>a</sup> feira. Veio aqui ter comigo um protegido seu, chamado Carlos Gomes Montez e dei-lhe uma carta para o Conde de Cavalleiros. Tenho esperança de que será empregado. As esmolas forão distribuidas. Recebi uma carta da Sr.<sup>a</sup> Marquesa de Sousa, pedindo-me as Ordens da Associação. Mandeilhe os recibos. Respondeo que não era isso. O que serão ordens? Os jornaes teem vindo. Mandeilhe fazer as pastas para os jornaes de cima da mesa não se estragarem, mas essa despesa pago eu. Tenho tido muito que fazer, mas felizmente vai tudo bem. O caseiro ainda não me escreveu. Para o registro da escriptura apresentaram-se difficuldades, que estou vendo se removo. Estou á espera de umas respostas por escripto do Costa. O Costa pequeno está melhor e já tomou posse do logar. Appareceo um relatorio sobre aguas de Portugal, mas é cousa muito inferior. A exploração do cimento vai crescendo e apresenta-se um jazigo magnifico. Já lá ha 60 pessoas a trabalhar. Assim está vencida a questão e tive eu rasão em dizer que era cimento e bom. Tenho andado muito occupado com a analyse do carvão de Buarcos e o trabalho vai já adiantado. O peor é que o tempo não chega para tudo. Diga á Theresa que espero que ella traga as suas memorias de viagem escriptas, para serem publicadas. É um serviço. Alguns dos viajantes recentes e portuguezes a Pariz e Londres teem escripto, mas o que se sabe – banalidades. É preciso apresentar cousa que toque o coração e mostre o que ahi ha de bom e que a alguém não faz conta que aqui se saiba ou divulgue. Haverá paz ou guerra? O que se diz ahi? Desceram os fundos, mas isso pode ser especulação. Já soube que não forão logo logo visitar a exposição e que quiserão folgar um dia. Acho que fizerão bem. Tambem soube da gritaria, que attrahio a attenção do sergent de ville. Que tal chegou ou o Antonio? Acabo, pedindo muitos recados para todos, abraços para o Papa e irmãos e esperando que me acredite sempre seu.

Filho Muito Amigo e Obediente

Jozé

P.S.

Diga ao Antonio que não me esqueço do soldo do Sr. Nuno.

São 3 horas da tarde. Vou sahir da repartição e por isso fecho esta. Adeos.  
Não fiquem zangados comigo.

Tornei a abrir esta. Não teem aparecido alugadores á Casa de Oeiras e recebendo uma carta da Candida Bora, muito afflictiva, por não ter aonde se acolher, mandei-lhe dizer que dava licença para occupar um quarto ou mais ou ir habitar na casa, mas temporariamente, dependente essa estada da vinda ou não vinda de alugada, além da vontade de meus Pais. Candida Bora é a mulher, que toma conta na Casa.

Lisboa, 7 de Setembro 1867

## Minha Querida Maman do meu Coração

Torno a escrever hoje para dizer que com grande gosto recebi hoje uma cartinha sua, com data de 1 do corrente. Estava já ansioso de cartas. Remetto uma cartinha da thia Julia para a Maman. Escrevi-lhe hoje de manhã, assim como á Sr.<sup>a</sup> Viscondessa de Fonte Arcada, que me tinha escripto hontem a pedir noticias. Mandei-lhe tambem a morada em Pariz. Tenho tido hoje um dia cheio de interrupções e não falto á verdade dizendo que, quando chego á noite, estou moido e bem moido. Muito estimei saber que estão bons e que se achão bem no Hotel, a ponto de virem a casa para descansar. Escrevi, ha bocado, á Tixi, para lhe mandar noticias e aos Senhores Marquezes. Julgo que continua a ficar em Subserra. É o que tinha a fazer. Vi hontem o thio Nuno e sempre tem ido pedir noticias. O Luiz Candido foi no dia 4 dar os seus parabens. Tem o irmão, mais novo, a morrer. Coitado! O thio Luiz parte na 2.<sup>a</sup> feira. A respeito do thio Nuno estou atormentado, porque o pequeno largou o collegio ou fizerão-lh'o largar. Succedeu o que tinhamos previsto. Agora julgo que o querem pôr n'um de fora, a 1200 rs por dia e, já se sabe, para algum de nós pagar, mas declaro que estou com nenhuma vontade de pagar, porque não se quizerão, em tempo, guiar pelos nossos conselhos e agora, que se achão com embarços, querem que nós paguemos estando já o rapaz costumado a um collegio muito superior e talvez mal acostumado, que tudo é relativo. Voltei hoje á vacca fria, mas precisava desabafar. No dia 1 ainda não tinha chegado o Antonio, mas fiquei contente, por terem percebido que eu não podia impedir a ida do homem, quando recebi aviso para isso. Só se o fosse buscar ao mar. A limpeza das casas vai muito bem. O pequeno do Francisco já está bom. Os criados e criadas, todos e cada um de *per si*, teem pedido sempre noticias e mandão recados. Continua a haver paz e socego. Talvez lhes tenha chegado aos ouvidos que forão a Oeiras, a cavallo, e outros em carro, mas com isso nada tenho. Pedirão-me licença, dei-a. De portas a dentro ou indo comigo o caso é outro. Comprei um cavallo pequeno, por 10 libras, cousa linda! É preto como azeviche. O cavallinho branco não se podia andar n'elle, trocava as pernas. Não o vendi, não tinha ordem para isso. Vou mandal-o para a quinta. A todo o tempo que o Papa o queira manda-o vir para Lisbôa,

mas se quizer andar a cavallo ou o Antonio podem andar no que comprei. Peço desculpa de ter feito isto sem os ouvir, mas estava na idéa de mandar o cavallo branco para a quinta, por não se poder andar n'elle, appareceo-me o preto, pequeno, mas cousa linda e barato e comprei-o. Era do Crofft, que foi para Pariz quasi cego. Coitado! Já recebi a certidão de Toulon, assignada pelo Aube, mas agora dizem no Ministerio dos negocios estrangeiros que não reconhecem a assignatura do Aube. Vou vêr se venço essa difficuldade. Forte gente!!! Fui obrigado a interromper esta outra vez. Tem sido hoje uma quantidade de gente, que estou deseioso de sahir do Laboratorio, para respirar. O Amigo Serpa aqui veio antes d'hontem pedir noticias. Elle pediu-me para procurar um livro, que emprestou ao Antonio sobre a ida da Legião portuguesa a França. Se me mandar dizer onde para o livro será bom. Ha uma falta de agua, em Lisboa, horrivel. Lembra-me dizer que o Moço da Cusinha já faz o serviço todo. Está bom e forte. O José Antonio continua com os banhos e está tambem melhor. O cavallo do Antonio já sahe da cavallarias, assim como o Figueira, mas este ainda não está bom de todo e é preciso mais cuidado. Peço que diga á Theresa Ponte que recebi a carta, que me escreveo e conto escrever-lhe, sem falta, amanhã. Não posso ser mais extenso. Peço recados para todos, abraço o Papa e os Manos e sou do Coração seu

Filho Muito Amigo e Obrigado

Jozé

Conheço perfeitamente Mr. de Maisonfort. Fui jantar uma vez com elle e voltei para casa de Omnibus com Mr. de Villeret. Tambem conhecia muito uma prima de Mr. de Villeret, que tinha um filho na India, o qual morreo. A Theresa acha bonita a Igreja de St. Sulpice ou não? Adeos. Adeos.

Lisboa, 7 de Setembro 1867

## Minha Querida Maman do Coração

Torno a escrever hoje. Fui hontem ao Ministerio dos Estrangeiros fallar com o Nogueira Soares e consegui que elle mandasse pedir pelo telegrapho ao Consul portuguez em Toulon a sua assignatura, oficialmente, para ser archivada e poder ser reconhecida no papel, que nos interessa. Remetto uma carta para o João Ferrão e peço que lh'a mande por via segura e certa. Por fim não comprei o cavallo e ainda não mandei o branco para a Quinta. O cavallo do Antonio está bom, mas o Figueira não se acha melhor e o Machado fallou hontem em se lhe deitar um sedanho. É operação que aqui em Portugal faz sempre bulha, mas que em Pariz, por exemplo, se emprega muito sem os cavallos deixarem por isso de trabalhar. O Augusto, cocheiro, foi hontem ter comigo ao quarto a dizer-me que se vai embora. Parece que arranjou outro commodo mais perto da familia, foi o que elle me disse. Fiquei admirado, mas do mesmo modo que tencionava não o mandar embora, houvesse o que houvesse, tambem não me julgo obrigado a instar para que fique. Conservo-me neutro. O pequeno do Francisco está bom. A familia está toda boa. Dizem que Sua Santidade vem para Mafra e que se recebeo hontem aviso telegraphico para preparar o palacio d'essa terra. Está hoje o dia muito sombrio. A final vi hontem a analyse do Dr. Lourenço. Forte ratão! Mas o factó é que o que eu disse que é cimento, reconhecido como tal por todos, e que a analyse d'elle pertence a massa que não pode dár cimento. Parece incrivel como a vaidade cega e que se pecca assim o senso commum, cousa que vale mais que quanto saber ha. O registro da sua escriptura antinupcial parece não ser essencial e indispensavel, mas não faz mal e não sahe caro. Tem andado um pedreiro a concertar um telhado na Annunciada e a pôr um Siphão e pia no aposento das criadas. A porta da cavallariça estava em terra e tambem se vai arranjar: é obra de um dia ou dous. Esta ultima pedi-a eu ao Costa. As primeiras creio que havia ordem do Papa, para se fazerem. Estive hoje com o Antonio Lavradio, que me pediu noticias de todos. Seria bom que o Papa ou o Antonio fosse procurar o Carlos de Almeida, 19, Rue Bonaparte. As carroagens estão cheias de camphora e tenho mandado deitar agua nas rodas; vamos a vêr se as encontrão em bom estado, como tudo o mais. Ficarião zangados com a minha carta. Já

chegou a Sr.<sup>a</sup> Condessa de Sousa, mas não sei onde está alojada. Acabo pedindo muitos recados para todos, abraços para o Papa e para os Manos e esperando que me acredite sempre ser seu

Filho Muito Amigo e Obediente

**Jozé**

P.S.

Fizerão-me a encomenda de um binoculo até á quantia de 4\$500 rs. Sendo antigo talvez se possa arranjar ahi em Pariz, por esse preço e bom. Não quero pagal-o e por isso marco a quantia, que me disserão.

Lisboa, 13 de Setembro, 1867

Minha Querida Maman do Coração

Ha dous dias que faço tenção de lhes escrever e nada de novo, mas a razão é que tenho tido muito que fazer e em tempo conveniente mostrarei os meus trabalhos sobre o carvão de Buarcos. Muito tenho estimado saber-os bem. Ainda não vi a Sr.<sup>a</sup> Condessa de Souza, mas hontem estive como Moé, que veio aqui ao Laboratorio e que me deo boas novas de Pariz, trazidas pela mulher e pela irmã. O Manoel Ponte esteve tambem hontem aqui no Laboratorio toda a manhã. Em Caxias achão-se todos bons. O Sr. Visconde já tem a lavoura montada ou meia montada. Ouvi dizer que o Conde de Villa Real ia hontem para Cascaes com a Mãe e os irmãos. Nada mais sei. Já tive hoje noticias de Subserra, pelo Godelaire, que me veio vêr e que parte para Pariz hoje. Fiquei-lhe muito obrigado e peço que lh'o digão. Houve esta madrugada uma trovoadá horrivel, mas não a senti, porque me deitei á 1 hora e dormi como um prego. Em casa não ha novidade. Todos pedem recados e noticias. Antes d'hontem fui vêr a thia Maria Joanna, que tem estado doente. Já a achei levantada. Pedio-me muitas noticias de todos e recados para todos. Ficão entregues? De novo nada sei. Das Senhoras suas amigas tambem nada sei. Espero que tenham tido muito bom tempo, para gosarem. Morreo o Lebzelttern. Coitado! Tem havido suas desordens em Tancos, mas não ouço mais cousa alguma. Tem-se fallado muito estes dias na estatua de Camões, que já deve a estas horas achar-se sobre o pedestal. A inauguração é mais tarde. Por fim não mando registrar a sua escriptura, porque não é isso indispensavel e necessario e trasia comsigo uma enorme despesa. Ha 2 ou 3 dias, 2, veio ter comigo uma Deputação de Rio Maior (terra) para pedir ao Ministro para conservar o Concelho antigo. O que posso eu fazer? Pedir e nada conseguir. Se cá estivesse o Papa, terião ido ter com elle, e muito melhor obra farião, porque elle podia conseguir alguma cousa, para a terra d'onde é titular, mas onde não possui nem uma telha, creio eu? Em todo o caso hei de occupar-me d'isso, por causa mesmo do Papa e cada vez mais pena tenho que tenham dado em viver sempre na Cidade. Se visitassem as suas terras e se fallassem, vissem e ouvissem os dependentes é certo que haverião de ganhar influencia e poderião ser mais uteis ao nosso paiz. Mesmo pelo lado da caridade, não poderá ella ser exercida

no campo e até mais agradavelmente do que nas cidades? Não digo com isto que se deixe de exercer a caridade na cidade, mas podem combinar-se as duas cousas, até porque os males são em geral diversos – Diversas causas, diversos efeitos. Remetto uma carta, que hoje recebi de Cascaes para o Papa. Deve ahi chegar no dia 17 ou 18 e por isso, desde já, dou os parabens, ao Papa, á Maman e a todos. Vai esta escripta com má letra, mas tenho a mão tremula á força de escrever e por isso desculpe. Vão a Inglaterra? Á Belgica? A Nice? Ou dão fundo em Pariz? Não tenho tido carta do caseiro. Tenho um d'estes dias uma massada com o Costa, por causa do registro dos foros, ao que é necessario acudir sem demora e para isso torna-se urgente consultar o cartorio, que está n'um cahos ou cousa parecida com isso. O cavallo pertencente ao Antonio vai melhor. O Figueira está sempre manco e tenho medo que não haja cura. Tem-se feito alguns remendos, que erão indispensaveis de pedreiro e carpinteiro. Já fiz avaliar a limpeza da cusinha. Vamos a vêr se achão tudo limpo e aceiado e na ordem, quando voltarem. Deos o queira. A Tixi ouço que vem amanhã de tarde, á noite, para Lisboa e que depois caminha para Oeiras e que mais tarde volta para Subserra. O thio Nuno esteve adoentado mas vai melhor. Os pequenos estão bons. A Sr.<sup>a</sup> Condessa de Lavradio tem soffrido agora da vista. O Azinhaga não sahe da tóca. De theatros nada sei. Adeos. Até amanhã. Renovo os parabens. Recados para todos. Adeos.

Filho Muito Amigo e Obrigado

Jozé

Tirei o sobrescripto da carta do Serpa, por causa do peso. Adeos.

Lisboa, 20 de Setembro, 1867

## Minha Querida Maman do Coração

Tive hoje noticias de todos, por uma carta do Papa, com data de 15 e muito estimei sabel-os bons. Remetto dois bilhetes, que recebi no dia 18. Encontrei hontem o Sette, que me pediu novas de todos. Hontem, depois de escrever, tive a explicação do incendio em casa do Antonio. Parece que ardeu fato da pequena, mas foi cousa em que ninguem fallou e d'aqui devem vêr que a mulher fez mal em assustar o marido. A Tixi vai amanhã, Sabbado, para Oeiras. Todos os criados e criadas mandão recados. A final tenho em meu poder a famosa analyse de cimento, feita pelo Dr. Lourenço. O homem confessa que o producto é cimento, mas a analyse está exquisita e não satisfaz o espirito como a minha, porque eu descrevi os processos e classifiquei o producto, á vista de uma Tabella, para que todos vissem a verdade do caso. Hoje uns que gritão contra o *ipse dixit*, são os que o fazem os primeiros que o querem impôr. Sobraes, Sobralinhos e Souzas veio tudo para Lisboa e votaram ao desprezo a Luz, em consequencia de futuros augmentos nas tres familias. A final tive hoje carta do caseiro da Benedicta, mas ainda não a abri e li, porque a deixei em casa. Esteve hoje aqui o Fernando Pedroso, que pediu noticias de todos. Hontem houve um officio pela Sr.<sup>a</sup> Viscondessa d'Asseca, D. Ritta. Recebi o convite ou carta do mesmo ás 4 horas da tarde, quando o officio era ás 10 horas da manhã. Eu não teria talvez ido, mesmo assim, mas a Tixi não foi de certo por causa de não saber a horas proprias. Foi a thia Marianna quem lhe escreveu. Em Caxias estão bem. A Tixi teve hontem carta da Theresa a quem peço que não se zangue por eu não lhe escrever. Ri com o que o Papa diz da admiração, em que anda o thio Luiz. Diga ao Antonio e á Maria que o Sr. Costa já vai ao emprego. Tem 240 rs diarios. Tenho continuado a trabalhar no tal carvão, mas vou-me fazendo velho e é necessario espaço para trabalhar n'esta terra, onde se vê muito do que não se deveria vêr. Em Casa nada ha de novo. A Tixi vai amanhã para Oeiras. De Subserra tem havido boas noticias. Estou sem saber se saem de Pariz ou não. É verdade que hoje em Pariz deve verificar-se em parte o que me dizia uma vez um Parisiense "Para viajar é excusado sahir de Pariz". Supponho que já devem ter visto o Godelaine. Se vir as filhas de M<sup>me</sup> Polignac e o netto, espero que lhes dê

muitos recados meus e que me desculpe por não lhes escrever. Encontrei hontem o Dr. Levy que me perguntou por todos. Tem feito muito calor e ha hoje oito dias fez uma trovoadá muito forte. Vem hoje no Jornal do Commercio um artigo sobre as minas de phosphorite de marvão, mas acho-o menos interessante e menos novo do que aquelle, que eu publiquei em tempo na Gazeta. Encontrei o outro dia o Abbade de Castro, que me disse ter estado muito adoentado. Seria bom o Antonio escrever-lhe, pois elle pedio-me novas de todos. A final o Figueira vai melhor, mas tem custado. O pequeno do Francisco está bom e sempre pergunta pela Madrinha. Espero que a conta d'este mez do jardineiro seja muito menor. Eu disse-lhe que a do outro mez tinha sido muito grande e respondeo-me que assim succedera, por causa da compra de terra, etc. O Costa continua de perninha. Tive carta da Theresa Ponte e do João. Chegão a Pariz no dia 25.

Acabo, pedindo abraços para o Papa, para os Manos, recados para todos e esperando que me acredite ser seu

Filho Muito Amigo e Obrigadissimo

Jozé

Recados de todos. Tixi, Nuno, Antonio (filho), etc. etc.

Lisboa, 24 de Setembro, 1867

## Minha Querida Maman do Coração

Ha uns poucos de dias, que desejo escrever-lhe mas não tenho tido tempo para o fazer. Agora, que são 10 horas da manhã estou á banca, socegado e descansado. Tenho ao pé de mim um homem, que está revendo os papeis do cartorio, necessarios para o registro dos foros. Espero que ainda haja tempo, para tudo se arranjar, pois o praso acaba em Abril, mas é necessario não perder tempo, porque faltão algumas confrontações, que hão de dar trabalho a arranjar. Estou contente de me ter lembrado d'isto, porque poderia ir indo tudo por agua a baixo. Estive hontem de tarde com o Costa, que ainda se acha doente e muito avelhantado. O cunhado, menino, tambem tem estado muito adoentado, mas vai melhor. Recebi a sua carta de 17 e muito estimei sabel-os bons. Escrevo para Pariz, pois apenas sei, por carta do Antonio para o thio Nuno, que havia uma idea de sairem de Pariz no dia 25, amanhã. Tive uma carta do seu caseiro em que me dá contas de tudo. Ainda não tinha vendido o azeite, porque só lhe tinhão offerecido 4\$600 rs e elle queria vêr se subia mais. Está em Lisbôa o Sr. Marquez. Vai hoje ás exequias na Carruagem do Antonio e direi de passagem que o *coupé* está em misero estado. As thias estiverão hoje de manhã, em Lisbôa, para as suas devoções, mas não as vi. A Tixi acha-se em Oeiras. Em quanto ao binoculo é indifferente que seja bonito, mas julgo que o que deve durar menos e çujar-se mais é o couro. As criadas estão bôas. A Eufrasia pedio-me licença para ter cá a Sobrinha, ao que annui, pois julgo que é já o costume. O thio Nuno aqui tem vindo quasi todos os dias. Hontem queixava-se muito da saúde. O Conde de Cavalleiros veio aqui á Porta, ha dois ou tres dias, a perguntar noticias de todos. O Pato manso veio em pessôa trazer-me a guia para se tirar a certidão de obito com a assignatura do Consul de Toulon, já reconhecida. Está pois isso em andamento. Vou logo mandar as taes ordens ao Sr. Marquez de Souza. Estive hontem em sua casa, mas Sua Ex.<sup>a</sup> não fallava a pessoa alguma. De novo nada sei. Ouço e vejo nos jornaes que o Governo contrahio em Londres um emprestimo, muito oneroso. Continuão com os trabalhos para a inauguração da Estatua de Camões. Peço que diga ao Papa que o Sr. Freinada sempre pede noticias. Estive hontem com elle na Associação dos Architectos, na qual se

deliberou vender o tal modelo do pulpito de Santa Cruz de Coimbra. Amanhã tenho conselho de família da Sr.<sup>a</sup> Viscondessa D.<sup>a</sup> Rita, não sei para que. Vejo que tem gostado de vêr tudo na Exposição, o que não me admira. Quando se vê ahi por fora o que podem o trabalho e a intelligencia do homem enthusiasma-se a gente e é necessario ter força sobre si para não desanimar aqui, onde tudo o que os homens fazem é mesquinho e acanhado, para não dizer mais. Espero que não se sintão desanimados, quando aqui chegarem, e voltarem á realidade d'isto aqui. É tambem virtude saber a gente resignar-se e conformar-se com o que ha. Do que estou persuadido é que devem vêr se podem modificar, para o lado económico, o modo de viver, porque estou convencido que o continuar a viver assim tem algum perigo. Podem dizer que sou utopista, mas deixal-o. A todo o tempo ficarei com a consciencia descansada, por ter dito a verdade. A traz de uma cousa vem outra e depois vai-se de cabeça para baixo. Está hoje immenso calor, mas o tempo está lindo. Tive cartas da Theresa Ponte e do João Ferrão e vou procurar escrever-lhes logo. Está muito pouca gente em Lisbôa. Tenho ido á repartição todos os dias, pois não quero perder o habito do trabalho. Perdido uma vez não se recupera e pena tenho eu de trabalhar já tão pouco. Os jornaes de Modas e Illustrações teem vindo regularmente. É boa historia a do thio Luiz querer visitar Pariz a pé. Deve ficar estafado. O Filho, Francisco, do Visconde da Vargem continua muito mal. Coitado! Interrompo, mas logo continuo. Acabo de escrever ao caseiro da Benedita. Mandou-me dizer que no fim da Semana passada ficavão as Colheitas recolhidas, que houve menos trigo e menos milho do que no outro anno, que não ha azeitona, mas que o olival está bonito, que os gados estavam menos mal e que tem havido agua com muita fartura. Em quanto ao azeite não offereciam mais do que 4\$600 rs o cantaro, ao que respondi dizendo-lhe o que a Maman me ordenou e declarando que entendia que se deveria, por esse preço, vender só o indispensavel para elle caseiro não se achar lá sem dinheiro, pois, pela conta do mez de Agosto consta que ha um *deficit* contra a Maman de 14\$130 rs. A despesa importou em 55\$080 rs e a receita (saldo de Julho) era de 40\$950 rs. Ia havendo um fogo na Quinta, vindo de fóra, da Charneca, mas felizmente não houve prejuizo, porque se atalhou e ainda a tempo. Diz o Caseiro que teve muito trabalho e por isso lhe agradei, em nome da Maman, os serviços prestados por elle e mais gente. Está tambem aqui o Costa e estou ouvindo-o a conversar com o homem, que já cá estava.

Vamos a vêr se se arranja este negocio dos foros. Acabo de receber uma carta de minha cunhada, que muito agradeço. Não me falla em deixarem Pariz. Muito agradeço os parabens e os recados que ella me dá. A carta traz data de 18. Peço que lhe diga que em quanto aos recibos está tudo já arranjado. A carta, que manda para a Tixi remettel-a-hei para Oeiras. As aulas no Collegio deviam abrir-se no principio de Outubro, sem falta. Não é necessario vender coupons; pelo menos assim o espero. É uma tal algazarra, que estou com vontade de rir, lembrando-me do que o Papa costuma fazer quando almoça e lhe annunciação a visita do Costa. Acabo de receber carta da Tixi. Interrompi outra vez. Dei volta ao Cartorio com o Costa e estou contente, porque vejo que se ha de arranjarr tudo, com tempo e paciencia. Adeos. Abraço o Papa e os Manos e sou do Coração seu

Filho Muito Amigo do Coração e Obrigadissimo

Jozé

Lisbôa, 30 de Setembro, 1867

## Minha Querida Maman do Coração

Hoje ha de ser por força. Ha uns poucos de dias que ando a querer escrever e teem passado o tempo sem o fazer. A ultima carta sua tem data de 22. Creio que ainda não terão sahido de Pariz e por isso escrevo, para essa Cidade. Temos tido um calor horrivel, fóra do commum a ponto de ser obrigado a dormir só com o lençol. Espero que tenham continuado a passar bem. Em Caxias estão bem. Acabo de escrever agora á thia Marianna a pedir-lhe esclarecimentos sobre papeis (mais certidões!), que exige o Luiz Maria Pires, que pretende que os filhos do thio Fernando teem parte na herança. No seu caso, logo que chegasse a Lisbôa, livrava-me de semelhante advogado. Pode ser bom homem, mas é molle e pessimo em quantos negocios se mette. O thio Ponte que o proteja se quizer, mas não impinja semelhante peça aos outros. Remetti as taes ordens á Sr.<sup>a</sup> Marquesa de Souza, mas é das taes que não responde. Haja saúde. Escrevi ao caseiro, no mesmo dia, em que escrevi á Maman. No Sabbado aproveitei o feriado para estar com o Costa e outro homem a revolver o cartorio. Faltão as confrontações da maior parte ou quasi todas as propriedades de Barquerena, confrontações modernas, o que é uma falta grande, mas que se vai remover. O Conde das Galveias, ouço, que não registra os foros, mas não é consequencia que meu Pai não o registre, pois não o fazer seria uma asneira e grande principalmente em relação a quatro foros em Evora e o do Conde de Sobral e mais outros dous. Estou contente em ter mechido no Cartorio, porque nunca dormia socegado, pois no caso de haver algum incendio não seria possivel acudir a tudo a um tempo. Foi a Providencia que assim o quiz pois o registro do vinculo estava por cima de uma banca com papeis velhos e o mesmo succedia com os originaes das commendas. As esteiras para o seu quarto ainda não estão promptas, mas prometeram dal-as na 4.<sup>a</sup> feira. Em casa não ha novidade. Estou em brasa por causa do Figueira e estou com receio que não se ponha bom, pois disserão-me que o cavallo, antes de pertencer ao Papa, levou couces nos peitos. Sendo assim não admira que elle mancasse ás vezes e é para recear que o mal tenha ido a mais e agora não tenha cura. Tenho uma Pipa nova com dous ou tres melhoramentos. É maior, tem uma torneira de chave para impedir que qualquer ponha a boca á torneira

e tem, no tampo opposto ao da torneira, o que costumão ter os toneis para poder ser lavada e limpa de tempos a tempos. Mandeí-a pintar hoje. A pia da cusinha levou tampa nova, pois a antiga estava bôa á superficie e podre pela parte inferior e invisível. Ficou com abertura e tampa para poder entrar um homem e lavar bem tudo e limpar. Aproveitei para isso um carpinteiro, que aqui esteve de mandado do Costa, para concertar umas janellas. Assim é de esperar que haja bôa agua para beber. Agora vou mandar limpar a cuzinha e talvez a copa. Se tivesse mais dinheiro punha tudo um brinco, mas faço o que posso. Deixou-me contas para serem pagas na sua carteira particular, por serem dividas da casa, mas á vista de obras urgentes e indispensaveis tive de acudir a estas até porque algumas não seria possível fazel-as, quando aqui estivessem todos. A cavallariça tambem levou uma volta e está magnífica. Era cousa indispensavel, pois estavam os animaes arriscados a darem geitos e a ficarem como o Figueira. Além d'isso temi alguma intimação das auctoridades, pois anda tudo muito espiulhado a ponto de exigirem que se limpem na Patriarchal as paredes que deitão para pateos interiores. Os criados tenho-os feito trabalhar todos, mas tenho reconhecido que é mau tomarem-se dizendo-lhe quaes as suas obrigações. Devem ser tomados dizendo-se-lhes que ficão criados da casa e não da pessôa. A sua obrigação é fazer isto e mais tudo o que fôr necessario. É o meio de acabar com etiquetas e trapalhadas que só servem de embaraço para os donnos da casa. Eu não tenho encontrado opposição aberta em nenhum, mas ha dous, que tem procurado esquivar-se um pouco ao trabalho, carregando-o sobre outros, mas está tudo remmediado e tem-se convencido, sem eu ralhar, que se não andarem direitos tem de esperar as consequencias legitimas. Escrevi hoje a minha cunhada. O Francisco cocheiro pedio-me para lembrar á Maman que talvez fosse conveniente comprar 2 cabeções ou 2 meios casacos de gutta-percha para poupar durante o inverno os sobretudos. As criadas estão de saúde. Todas pedem recados e noticias. O José Romão está famoso. Tenho-o deixado ir de manhã a Pedrouços servindo de cocheiro a um visinho que tem carro e cavallo, mas não tem cocheiro. É o Francisco das Massas. No bairro não ha novidade. O Sr. Marquez veio, ha dois ou tres dias, perguntou-me se eu sabia uma novidade a respeito dos viajantes, que lhe tinham contado, ao que eu respondi que nada sabia. E de facto nada sei. Qual era a novidade não digo, mas para diminuir a curiosidade ou inquietação direi – *nothing relative to uncle Luis*. Vejo que M<sup>me</sup> de

Flahault continua mal. Coitadinha. A mulher de Oeiras tem estado dormindo na cocheira, quarto dos criados, para a banda do chafariz. O thio Nuno tem vindo á Anunciada. A mulher foi na Sexta feira, ao Bom Sucesso na caleche do Papa. O Sr. Marquez tambem se tem servido duas vezes do *coupé* do Antonio. Tem trabalhado um cavallo do Papa com outro do Antonio, mas o d'este, que estava doente, acha-se bom. Supponho que ha meio de evitar que elle torne a estar cocho, para o que bastará que o ferrador lhe trate bem dos cascos. Da thia Julia nada sei. Morreo uma cobradora, que morava para as bandas da Sé. Disse-me a cobradora dos rapazes, que lhe accudio, que tinha feito muita falta não estar cá a Maman. Accudio-lhe e muito a mulher do D. Antonio de Mello (Estupada) e conseguio fazer com que a mulher recebesse todos os confortos da nossa religião. Deixou uns poucos de filhinhos! Coitadinhos! Adeos. Acabo, pedindo um abraço apertado para o Papa e para os Manos, recados para todos e para o Antonio e esperando que me acredite ser sempre seu

Filho Muito Amigo do Coração e Obrigadissimo

Jozé

Lisbôa, 2 de Outubro, 1867

Meu Querido Papa do meu Coração

Tive uma carta da Theresa, com data de 26 do p. p. e por ella soube que estavam todos bons, mas que já havia frio. Devem tomar todo o cuidado, pois o frio ahi não é o mesmo que entre nós. Espero que esteja melhor do seu defluxo. Tenho visto pelas suas cartas que teem continuado a divertir-se, o que muito estimo. Peço que diga á Theresa que executei as suas ordens. Tenho estado afflicto, por causa dos pobres da Maman, porque as Senhoras da Direcção não me mandaram o dinheiro. Tem havido muito calor, mas não o tenho quasi sentido. Estive hontem com o Joaquim Ferreira Pinto, que me disse que a prima D. Marianna tinha recebido carta sua. Tive uma interrupção de quasi duas horas e agora dir-lhe-hei que teem morrido alguns pombos com bexigas, mas acabo de pedir a um rapaz meu Amigo, para os ir vêr e vai lá á Annunciada na 6.<sup>a</sup> feira. O Figueira ainda está doente. Agora dizem que não soffre da espada, mas de baixo e ha receio que tenha o que teve o cavallo baio e que chamão cravos brancos ou cravos perdidos. Não sei bem qual o nome. A Tixi continua a estar em Oeiras. O thio Nuno tem apparecido sempre para ter noticias. Encontrei hontem o Marquez de Pombal, que estava afflicto, porque o Antonio (filho) deveria partir na 2.<sup>a</sup> feira para a Belgica, onde ha cholera. Durante a interrupção estive comigo um rapaz francez, que não via havia muito tempo e que gosto de vêr, pois é entusiasta por chimica. Peço-lhe que diga ao Antonio e á Maria que o collegio abriu hontem e vai bem. De politica ouço que vai muito mal mas não sei. Estou desesperado, porque estou nomeado jurado. O Antonio tem igual honra. Vi hontem o Lourenço Rivotti que tem o filho a morrer. Pedio-me noticias de todos. Morreo o filho do Visconde da Vargem. O enterro era hoje ás 10 horas da manhã. Não me era possivel ir e por isso escrevi ao Luiz Candido e vou lá logo ou amanhã. Faz pena o rapaz e dó o Pai e Mãe. Coitados! Tem feito bulha uma portaria do Governo, mandando haver exames no Lyceu de Lisbôa em Outubro, para proteger os filhos de um figurão, os quaes ficarão reprovados em Julho. Vão ser postas a concurso as tres cadeiras no Instituto Agricola, mas já se sabe quaes os escolhidos (reprovados) e por isso não vou lá. É o que dá cabo d'este paiz é a immoralidade publica, que ha e da qual se chega a fazer luxo. Azinhaga

ainda está em Cintra. Os *habitués* não os tenho visto. Vi o Monsenhor no Domingo. Tenho andado a lêr um livro – biographias, contra o materialismo e scepticismo, muito bem escripto. Já tenho promptas duas das pastas para os livros. Hontem ás 10 horas da manhã houve um pequeno tremor de terra, que não senti. Em Subserra estão bem, segundo creio, pois o Sr. Marquez já voltou para lá ha cinco ou seis dias talvez. Todos os meus empregados teem perguntado pelo Papa. Acabo, pedindo um abraço apertado para a Maman e Irmãos, recados para todos e esperando que me acredite, sempre, seu

Filho Muito Amigo do Coração e Obrigadissimo

*Jozé*

Recados para o Antonio (creado). A familia está bôa.